

A SINTAXE DO VERBO E OS TEMPOS DO PASSADO EM PORTUGUÊS

Ataliba T. de Castilho

1. O objetivo dêste trabalho é analisar criticamente os diversos métodos postos a serviço da sintaxe dos tempos verbais, após o que procuraremos estudar os valores dos tempos do passado em português. Parte dêste artigo foi apresentado aos alunos da Faculdade de Filosofia de Marília, sob forma de curso, parte decorreu de observações que vimos fazendo neste setor, ao longo da elaboração de um estudo sôbre o aspecto verbal na língua portuguêsã.

2. De dois modos se apresenta o **verbo**: infinita ou finitamente.

O verbo infinitivo apresenta o processo em si, indeterminado, desvinculado de qualquer atualização. É o verbo "em estado de dicionário", para servir-me de uma expressão de Carlos Drummond de Andrade.

Cabe às categorias verbais transporem o verbo de infinitivo para finitivo, de potência para ato.

O tempo constitui, ao lado do aspecto, de modo, da voz, da pessoa e do número, uma dessas categorias, encarregando-se de localizar o processo num dado momento.

Pode uma mesma forma verbal ser atualizada simultaneamente por mais de uma categoria, notadamente as de aspecto, tempo e modo, uma vez que ditas categorias não são exclusivas. O contexto, todavia, assinala a predominante.

Além disso, no interior de uma mesma categoria podem coexistir dois matizes diferentes, matéria que documentamos em nosso trabalho **Introdução ao Estudo do Aspecto Verbal na Língua Portuguesa**, §§ 8, 52d, 53b, 55a, 61a e 80.

3. Para localizar o processo num momento dado, serve-se o **tempo** de pontos de referência, que são três: o falante,

o momento em que se desenrola outro processo e o momento em que se situa idealmente o falante, deslocando-se em pensamento para o passado ou para o futuro.

O desvio do ponto de referência faz oscilar todo o sistema temporal. Se se localiza no falante temos os **tempos absolutos** (presente, pretérito, futuro); se no momento em que se desenrola outro processo, os **tempos relativos** (imperfeito do indicativo, mais-que-perfeito do indicativo e do subjuntivo, futuro do subjuntivo, futuro perfeito e perfeito do subjuntivo); se no falante idealmente deslocado no tempo, os **tempos históricos**, em que o sujeito se inclui na história, assumindo o papel de "dramatis persona" ("Napoleão desembainha a espada", ou então adotando um tom profético de quem se sente seguro de suas palavras ("Esta foi a decisão que mudará o curso da história").

4. Não é estranha aos hábitos da língua a utilização de determinadas formas temporais com funções que não lhe são próprias:

a) o presente pelo futuro (1): "Eu mesmo posso-te agora matar, posso-te fazer o mal que quiser. Não grites, que é pior. Ninguém te **acode**". R. Brandão — O 157. "Eu **abro**... Mas antes de saíres há de deixar-me um momentinho para me esconder"; A. Ribeiro — TI 243. "Aposto que o Joca [personagem há pouco falecida] não **entra no céu!**" A. Callado — FE 15. "Eu prometi que libertaria Sósia se vencesse a batalha. Eu prometo que te **liberto** se ()". G. Figueiredo — DD 16.

b) o presente pelo pretérito: "Quando **acorda**, Maria Clara já tinha tirado a mercedes da garagem". C.H. Cony — AV 59 (v. § 31).

c) o passado pelo futuro, com sabor de ironia: "Com mais uma obra [que escrevas], **transpuseste** as portas da imortalidade" (2).

(1) Para uma excelente discussão sobre esse caso, consultar M. Sanchez Barredo — "Estudios Comparativos del 'Praesens pro Futuro'", in *Emerita*, t. II (1934), 193-232 e t. III (1935), 32-55. Usei os seguintes critérios na transcrição dos exemplos: dois parênteses voltados indicam que se saltou trecho inexpressivo; são grifadas as formas verbais de interesse; as abreviaturas dos textos utilizados são explicadas no final do trabalho.

(2) Apud M. de Paiva Boléo — "Tempos e modos em Português", in *Boletim de Filologia*, vol. V (1929), 315-340.

No plano histórico conhecem-se os tempos que mudaram definitivamente de esfera temporal: lembrem-se o mais-que-perfeito do subjuntivo, que assumiu a função de imperfeito do subjuntivo, perdida a forma em **-re**, e o passado passivo, que tomou o valor de presente passivo, substituindo a forma sintética, ambos fenômenos ocorridos no latim vulgar (3).

I

5. Os resultados a que se tem chegado no domínio da sintaxe do verbo não raro se deixam matizar pelo método utilizado. Julgamos por isso oportuno dispor os principais estudos consultados segundo as respectivas abordagens: a gramatical, a lingüística e a estilística.

6. Os **estudos gramaticais** partem sempre das formas do verbo, investigando os valores que podem revestir; indaga-se assim acêrca das categorias do verbo, organizando-se quadros no geral bastante claros, a partir de grande número de exemplos.

Os objetivos dos estudos gramaticais são de natureza prática, pois procuram fixar o uso de determinada época para a dedução da norma. Tal é o caso do estudo "O Emprêgo do Infinito Pessoal e Impessoal" de H. Henrique Maurer Jr. (4).

Situam-se entre os procedimentos típicos dos estudos gramaticais do verbo o recenseamento dos tempos que assumem valores temporais próprios de outros tempos ou de modos (v.g. o uso do presente pelo futuro, do imperfeito pelo condicional) e a análise da **consecutio temporum**.

Entre as deficiências dessa abordagem há de se lembrar que nem sempre se acentuam os tempos de uso mais vivaz ou, dentro da mesma forma temporal, o valor mais freqüente; derivam daqui os quadros de tempos "planificados", no sen-

(3) T. Henrique Maurer Jr. — *Gramática do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1959, pp. 128-139.

(4) Publicado na *Revista Brasileira de Filologia*, vol. 3, t.1 (junho, 1957), 19-57. Determinam-se aqui os casos em que ocorrem o infinitivo impessoal (p. 27) e o pessoal (p. 29), bem como os casos facultativos (p. 32), interpretando-se a seguir os "fatôres que podem determinar a preferência da forma pessoal ou impessoal nos casos da regra III [=casos facultativos]. Este ponto, e também a comparação do uso português com o uso românico afastam este trabalho de uma perspectiva estritamente normativa.

tido etimológico da palavra, em que não se pode perceber o natural relêvo de determinadas formas ou valores. Os estudos de inspiração gramatical dão a impressão de quadros previamente fixados e para os quais se buscam diligentemente os melhores exemplos.

7. O livro de Holger Sten (5), de que não andam ausentes certas preocupações de natureza estruturalista, constitui-se num rico manancial de usos modernos. O autor aceita as duas angulações da técnica descritivista: encontrar nos sentidos de um tempo o “denominador comum” que o defina, ou constatar que uma forma pode ter funções bem diferentes de que cumpre procurar a filiação:

“Être tourmenté par le désir d'arriver à une définition qui embrasse tout (et qui souvent doit être très abstraite), c'est reconnaître l'aspect stable de la langue qu'il serait vain de nier. Se contenter de constater la filiation des fonctions différentes, c'est peut-être, contribuer à l'explication des changements linguistiques (qui sont, eux aussi, une réalité)” (p. 7).

Parece que a natureza dos textos selecionados para a recolha do exemplário — em sua maioria peças de teatro — levou Sten a dar especial valor ao que êle chama o “presente cênico” ou de “*décor*”. Trata-se das indicações que o teatrólogo vai dando aos atores, como em “Il fait un gest pour entrer”, “Il se lève et fait un mouvement pour partir”, etc. (p. 20). Suspeitara inicialmente tratar-se de uma nova categoria (“Faut-il établir une nouvelle catégorie, le présent scénique?” [p. 21]), porém cedo descobriu que também o futuro, o imperfeito, o passado composto, o passado simples, as perífrases, o mais-que-perfeito e o condicional admitem emprêgo semelhante (6).

8. Se Sten foi bem descritivista e meio estruturalista, Paul Imbs (7) associou decididamente as duas perspectivas, compondo um trabalho ao mesmo tempo gramatical e lingüístico. As partes em que se divide sua obra bem o mostram. Na primeira, partindo das formas, investiga-lhes os valores, que

(5) *Les Temps du Verbe Fini (Indicatif) en Français Moderne*. København, Ejnar Munkgaard, 1952.

(6) Cf. respectivamente pp. 55, 12, 140, 141, 146, 185-186, 98, 237, 241, 242; 219-220, 84, 90, 93, 94.

(7) *L'Emploi des Temps Verbaux en Français Moderne*. Paris, Librairie Klincksieck, 1960.

dispõe de maneira meticulosa e sobretudo clara. Consta-se aqui mais uma vez o que vai de simplicidade no sistema das formas e o que há de multiplicidade no dos valores — multiplicidade que cresce “com a sagacidade dos gramáticos” (p. 9). O valor resulta de fatores tais como o semantema do verbo, os morfemas temporais e a situação configurada pela oração (p. 10).

Na segunda parte procura-se delinear o sistema oculto no cipoal dos valores, pois considera Paul Imbs que os sistemas constituem a verdadeira realidade lingüística. O sistema dos valores temporais compreende as seguintes oposições:

a) oposição temporal/onitemporal, ou, por outras palavras, contraste tempo diviso/tempo indiviso. Este será um dos mais belos achados de Imbs; realmente, confrontando-se a massa de valores assumidos pelas formas, pode-se constatar que eles se dispõem segundo duas grandes tendências: os valores que referem um tempo determinado e os que referem nm tempo indeterminado ou não marcado; o tempo indiviso por excelência é o presente, segundo constatou o A. (p. 173).

b) no interior do tempo diviso notam-se por sua vez oposições temporais — e esta reflexão lembra muito o comportamento metodológico assumido, por exemplo, por Martin Ruy-pérez, cf. § 19. Ditas oposições correspondem às duas noções expressas pelos advérbios *agora/então* (*maintenant/alors*, p. 175) ou podem ser achadas no interior dos modos (formas nominais, subjuntivo, imperativo, indicativo [pp. 177-189]; sobre a estrutura do passado verbal, v. p. 186).

São profundas, a nosso ver, as repercussões e implicações desta segunda parte do formoso livro de Paul Imbs; eia é a inteligente demonstração de como se podem integrar os métodos, pois Paul Imbs partiu de um ângulo descritivista, formalista e gramatical, atingindo, ao depois, a visão do sistema verbal da língua francesa, fundindo com elegância o velho ao novo em matéria de metodologia lingüística. Julgamos que o esforço desenvolvido pelo A. só encontra paralelo nos trabalhos de Wartburg e Martinet (a que fazemos referência em nosso estudo “Estruturalismo. História e Aspecto Verbal” 8), os quais exemplificaram como se pode harmonizar a abordagem histórica e a estruturalista dos fatos da língua.

(8) *Alfa* (revista do Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília), n.º 4 (setembro de 1963), 151.

9. Os estudos lingüísticos do verbo não têm objetivos práticos, caracterizando-os sobretudo um esforço de interpretação dos fatos constatados. É evidente que um estudo gramatical pode conter elementos de interpretação lingüística — tanto é certo que entre a gramática e a lingüística, tal como entre os gêneros literários, nem sempre a fronteira é muito nítida! — simplesmente que no primeiro caso vai a tônica para a dedução da norma, caminhando no segundo para a apreensão e a interpretação do sistema lingüístico (9).

Para maior comodidade dividi a abordagem lingüística em três partes, conforme os estudos fôssem de inspiração idealista, onomasiologista ou estruturalista.

10. Etienne Lorck dá-nos o exemplo mais conhecido de análise idealista do verbo, ao explicar a suplantação do passado definido francês pelo passado indefinido. Havendo descoberto que o passado simples refere objetivamente o passado (e o passado indefinido, subjetivamente), conclui que aquela substituição é fruto da vitória do subjetivo sôbre o objetivismo, herança da Revolução Francêsa. Relembra a êsse propósito o contributo da Revolução à valorização do Eu (“Liberdade, Igualdade, Fraternidade”), operando-se com isto uma mudança na consciência coletiva graças à qual o individuo passa a anexar a si também o passado, com êle se confundindo e encharcando-o por fim da subjetividade do seu próprio eu (10). A hipótese seria muito provável se L. Foulet não houvesse encontrado provas documentais do embate passado indefinido-passado definido ascendentes ao século XV (cf. § 49).

11. Manuel Said Ali em seu estudo sôbre o futuro denuncia inclinações semelhantes a estas ao avaliar o impacto causado por determinados usos dêsse tempo sôbre o interlocutor; assim, analisando casos como “Que tal está a minha vista! . . . Pois não juraria agora que Frei Vasco tinha a cabeça cheia de brancas. . .”, anota:

(9) Relembre-se ainda uma vez que a ênfase dada por Saussure à consideração sincrônica do fenômeno lingüístico revigorou os estudos anteriormente afetos à gramática, conquanto os ultrapassasse nos objetivos.

(10) “Passé Défini, Imparfait, Passé Indéfini”, in *Germanisch-Romanische Monatsschrift*, t. VI (1940), 103.

“Os verbos *juraria* e *diria* destes trechos, assim como as expressões *dir-se-ia*, *crer-se-ia*, *acreditar-se-ia* tão frequentes em Herculano, indicam antes esse estado particular da alma que leva a dizer as cousas com alguma timidez, com receio de errar ou contrariar” 11.

12. Manuel de Paiva Boléo repele a explicação de Lorck sôbre a vitória do “*passé composé*” sôbre o “*passé simple*”, que lhe parece “apenas uma elegante construção teórica” (12), mas, ao justificar a persistência da forma simples do pretérito português ao lado da composta, vale-se de uma interpretação idealista; efetivamente, adaptando Vossler para quem o “*passé simple*” revela uma visão tranqüila do escoar dos acontecimentos e do passado, localiza na vitalidade do pretérito português um fator inequivocamente psicológico:

“é provável, que em última análise, nestes povos à beira-mar plantados, tenha havido uma diferente representação mental e possivelmente uma diversa concepção da vida” (p. 113).

Em que consiste essa “diferente representação mental? Num debruçar calmo e saudoso sôbre o passado, sentimento bem português e que corresponde àquele que Vossler vê fluir do “*passé simple*” francês. E conclui Paiva Boléo:

“Quando, no fim da Idade Média, a tendência contemplativa cedeu o passo ao sentido prático da vida, o perfeito começou a fazer forte concorrência ao pretérito, até o substituir. Se as grandes transformações sociais provocam quase sempre modificações lingüísticas, será de esperar que o desenvolvimento do sentido realista da vida e do senso prático no povo português se repercuta na sintaxe do verbo?... É possível, mas, por enquanto, e restringindo-nos ao campo estritamente filológico, nada deixa prever que a forma simples venha a substituir a composta”.

É bem certo que as reticências e o futuro dubitativo usados por Paiva Boléo revelam o cuidado com que cerca afirma-

(11) *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 5.ª edição. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957, p. 148. Veja-se também esta interpretação do pronome *se* apassivador: “E sempre de novo emerge, de entre as dúvidas, esta verdade incontestável: em “*compra-se o palácio*” e “*morre-se de fome*”, o pronome *se* sugere na consciência de todo o mundo a idéia de alguém que compra, de alguém que morre, mas que não conhecemos ou não queremos nomear”. *Ibidem*, p. 93.

(12) Manuel de Paiva Boléo — *O Perfeito e o Pretérito em Português em confronto com as outras línguas românicas*. (Estudo de caráter sintático-estilístico). Coimbra, Biblioteca da Universidade, 1936, p. 90.

ções dessa espécie. De qualquer forma, e admitindo-se que aquêle “debruçar calmo e saudoso sôbre o passado” é um movimento francamente subjetivo, não deixa de ser curioso observar que o subjetivismo tenha sido o carrasco do passado simples nas Gálias (tese de Lorck) e seu salvador na Lusitânia (suposição de Boléo), admitida a interpretação idealista do verbo.

13. Um trabalho recente sôbre o verbo português retoma a abordagem idealista; trata-se do estudo de Louis Mourin, que se propôs buscar uma definição mais abstrata para o imperfeito, radicando-a na unidade constatável nos diversos valores dêsse tempo (13).

Analisa o A. o imperfeito como tempo expressivo do passado e do futuro (do pretérito). além do imperfeito de modéstia. Comparando sempre o uso português ao francês, conclui:

l’“En portugais l’imparfait exprime un phénomène de représentation qui s’exerce en dehors de la réalité” (o.c., p. 117).

E mais adiante:

“Il constitue néanmoins une attitude très soup’e de la langue, qui opère un déplacement subjectif total” (o.c., p. 124).

Quanto ao mais-que-perfeito, não aceita que indique simples ação anterior a outra ação passada; examinando um mais-que-perfeito nitidamente modal (“Se calhar querias ir à Garrofeira. Foi bem feito. **Tinhas ficado prêso . . .**”), escreveu:

“Cette sorte de parfait à deux degrés’ [cita Marouzeau] marque, en portugais, une action parfaite’ dans l’absence de la réalité ()” (o. c., p. 132).

Examinando a seguir os demais tempos do passado, admira-se de sua abundância, que assim justifica:

“Cette plétore apparente et embarrassante révèle une attitude d’esprit originale. Celle-ci se manifeste d’abord dans l’utilisation de la notion, commune à ces formes, d’absence de la réalité; ensuite dans la valeur que la langue confère aux

(13) “Définition de l’imparfait et du plus-que-parfait de l’indicatif et du subjonctif, et des deux formes du conditionnel en portugais moderne”, in *Romanica Gandensia*, VIII (1959), p. 111.

formes composées. Cette attitude essentielle préside aux diverses intentions qui déterminent le choix entre ces sept forms verbales.

Le portugais se soucie moins de considérations objectives; son attention porte sur le plan où s'exerce l'activité subjective". (o. c., p. 199).

Parece-nos razoável indagar, entretanto, até que ponto o grande número de empregos modais arrolados não terá conduzido L. Mourin a esta visão das coisas, no caso particular do imperfeito e do mais-que-perfeito. Pois se de um lado êsses empregos oferecem interessantes oportunidades para que se contrastem formas portuguesas com as congêneres francesas, de outro lado, é lícito supor que haviam por força de lhes ressaltar as noções de irrealidade e potencialidade desde que se encarem, como se encararam, o imperfeito e o mais-que-perfeito ocorrentes quase que apenas no período hipotético.

14. A **onomasiologia** poderá marcar de modo fecundo os estudos do verbo. Consiste tal método essencialmente em o investigador partir de determinadas noções para a apreensão das formas que elas revestem num dado estágio lingüístico.

Estudamos em outros locais os passos que conduziram ao método onomasiológico e bem assim as últimas discussões que êle vem suscitando (14); resenharemos aqui apenas os autores que investigaram o verbo dêsse ponto de vista.

Distinguem-se entre êles duas fases. Na primeira, estabelecem-se sem maiores preocupações o quadro de idéias cuja expressão formal se pretende investigar. Situa-se aqui o volumoso trabalho de F. Brunot.

15. Conquanto não se intitulasse onomasiologista, parece-nos todavia que o gramático francês foi o primeiro a aplicar êstes critérios ao estudo do tempo; não significativas as palavras com que abre seu livro:

(14) Ver nossa *Introdução ao Estudo do Aspecto Verbal na Língua Portuguesa*, §§ 29-30 e o relatório "A Onomasiologia no Léxico e na Sintaxe", escrito de parceria com Enzo Del Carratore e apresentado no I Seminário de Lingüística de Marília [sairá publicado no n.º 11 da revista *Alfa* (março de 1967)]. Coube a M. de Paiva Boléo a primazia na indicação dêsse método para os estudos da Sintaxe portuguesa, em seu livro *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa*, Lisboa, Coleção da Revista de Portugal, 1946, pp. 83-85.

"Il faut se résoudre à dresser des méthodes de langage, où les faits ne soient plus rangés d'après l'ordre des signes, mais d'après l'ordre des idées. Ce sont elles qui doivent être classées, non point sans doute en elles-mêmes et pour elles-mêmes, comme elles le seraient en psychologie pure, mais en vue de leurs signes et relativement à eux. La scolastique, ici encore, doit mourir" 15.

Fiel a este propósito, investigou Brunot as três noções temporais que julgou fundamentais: a de posteridade no futuro e no passado, a de anterioridade no futuro e no passado e a de contemporaneidade no passado (o.c., pp. 752-776). Como não se atinha apenas às formas verbais, assinalava o conjunto dos meios lingüísticos expressivos do tempo, que assim classificou: a) meios intrínsecos: palavras **après, pré, avant, [como em entretemps], post, etc.**) e verbos temporais (**prévenir, postdater, antidater**); b) meios extrínsecos: advérbios (**ensuite, alors puis**) complementos (**le lendemain, la veille**) e tipos oracionais (orações temporais, por exemplo) — o.c., pp. 72, 218, 748-749.

16. Mais houve quem julgasse que a onomasiologia sairia ganhando se, previamente ao recenseamento das formas, se procedessem a disquisições mais acuradas em torno da "ordem das idéias". Principia assim a segunda fase dos estudos onomasiológicos.

A primeira figura que se nos depara é a de William E Bull; não utilizando embora o termo "onomasiologia", introduziu-a o sintaticista americano na lingüística espanhola (16). Ele mesmo previne que utilizará método diverso do que usualmente emprega a lingüística descritiva (p. 2) ao declarar, com referência aos termos **pit** e **pot**:

"The establishment of a relationship between either a phoneme or a morpheme and objective reality is a process which may be initiated on either of the two levels of abstraction involved. One can begin with the morpheme **pit** and proceed to the hole in the ground or, in inverse, one can **start**

(15) *La Pensée et la Langue*, 3ème. éd. Paris, Masson et Cie., 1953, p. XX.

(16) W. E. Bull — *Time, Tense and Verb*. A study in theoretical and applied linguistics, with particular attention to spanish. Berkeley and Los Angeles, University of California Press, 1960. Já dissera com razão Klaus Heger, numa resenha deste livro, publicada na *Zeitschrift für romanische Philologie*, vol. LXXVI (1960), 385, que o que Bull chama «lingüística teórica», é o mesmo que Semasiologia, identificando-se «lingüística aplicada» a Onomasiologia.

with the hole in the ground and proceed to the morpheme pt. The first alternative has been customarily used in investigations of the Spanish tense system. The second alternative, however, has been selected for this study" (p. 3 — grifos nossos).

E aduz em refôrço do método escolhido :

a) a perspectiva que oferece é diferente e possibilita a investigação de premissas até aqui inexploradas ;

b) permite que se conjurem algumas ciladas secânticas com: as quais se viu à volta a lingüística descritiva ;

c) certas feições da realidade objetiva pertinentes ao problema (o tempo, nos caso) foram tão estudadas pelas ciências físicas que muitas delas podem ser consideradas axiomáticas (p. 3).

Na primeira parte de seu trabalho, William E. Bull investiga a noção de tempo, de que considera o tempo pessoal e o tempo público (ou, em outros termos, o tempo cronológico), a simultaneidade e o sincronismo, a estrutura do tempo físico e do calendário, a definição do presente.

Isto pôsto, passa o A. à parte medular de seu trabalho, consistente em descrever as relações que se estabelecem entre o sistema do calendário (noção) e o sistema de tempos no espanhol (forma) quando se encontram na mesma frase. Todo o capítulo IV foi consagrado a êsse fim, inventariando-se as formas temporais espanholas. Parece-nos que ao reduzir as formas investigáveis exclusivamente às que integram o sistema verbal, afastados todos os demais elementos indicadores de tempo (como os advérbios, conquanto não ignorasse essa perspectiva — cf. p. 50), Bull autolimitou sua pesquisa, reduzindo-lhe as possibilidades. Não resta dúvida, entretanto, que se trata de trabalho muito sério, meritório e renovador, constituindo sua leitura precioso estímulo aos sintaticistas do verbo.

17. Klaus Heger, num trabalho de 1963 que está sendo largamente debatido (17), prosseguiu as perspectivas abertas por Bull.

(17) *Die Bezeichnung temporal-deiktischer Begriffskategorien im französischen und spanischen Konjugationssystem* [Expressão das categorias notionais déicticas do tempo no sistema verbal do francês e do espanhol]. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1963. V. a resenha de Robert Martin, *Romania*, t. 86 (1966), 415-420.

Temendo de um lado o formalismo dos estruturalistas que conduziram os estudos do verbo a um verdadeiro assemantismo (cf. nossa nota 23), e evitando de outro a onomasiologia tal como a conceituamos no § 14, que considera “perigosamente apriorista” (p. 7), estabeleceu K. Heger as bases de seu trabalho na forma como segue.

Julga que à margem da realidade lingüística existe um sistema de categorias nocionais, de natureza lógica, que a língua se esforça por traduzir.

No caso particular da sintaxe do verbo, cumpre determinar previamente esse sistema para avaliar, em seguida, a respectiva expressão por meio do sistema verbal. Daqui a bipartição do livro à feição do estudo de Bull.

Não se deve, todavia, acusar Heger de infração da norma de Brunot (“la scolastique, ici encore, doit mourir”), pois, como bem acentuou R. Martin,

“Pas plus que Descartes n.était sceptique parce qu'il pratiquait la doute méthodique, le linguiste ne donne dans le travers du logicisme parce qu'il entend confronter le système linguistique avec un système notionnel. La structure logique lui sert d'étalon pour apprécier le rendement et le degré d'achèvement du système linguistique. Telle notion ne s'exprime qu'au moyen d'une périphrase plus ou moins grammaticalisée, telle autre se rend concurremment par deux formes distinctes: la référence à un système absolu, fait toucher du doigt l'originalité propre de chaque langue”. 18.

18. O **estruturalismo** constitui-se de várias escolas unidas numa aversão comum ao estudo atomista dos fatos da linguagem. Variam de escola para escola a terminologia e os critérios, mas é geral a preocupação de dispor os elementos lingüísticos em sistemas mais ou menos abstratos.

Parece ter havido duas direções nos estudos estruturais do verbo:

19. Constou a primeira direção do esforço por se descobrir a posição que cada tempo ocupa no sistema da língua.

A escola de Copenhague supõe um sistema ternário, constituído pelo termo positivo A, de funções bem delimitadas,

(18) Na resenha citada na nota anterior, 416, R. Martin não deixa de traçar paralelos entre o método de Heger e o que preconizara G. Guillaume (v. § 21).

pelo termo negativo B, definido como “não A” e pelo termo C, “nem A nem B”. Jens Høit distribui num estudo bastante conhecido o futuro, o pretérito e o presente por essas três categorias (19).

A Escola de Praga teve seus postulados aplicados à sintaxe do verbo desde que o professor salmanticanense Martin Sánchez Ruipérez publicou um excelente estudo consagrado aos aspectos e tempos do verbo grego antigo (20). De acôrdo com Praga, distribuem-se os termos do sistema lingüístico pela oposição “marcado/não marcado”. Considera-se marcado ou caracterizado o termo portador de um só significado, e não marcado ou não caracterizado o portador de vários significados ou de uma “duplicidade de valores” (o.c., p. 64). Dentre os tempos, considera Ruipérez o futuro como o termo marcado, pois a noção que encerra não se refere a um acontecimento real, tal como se dá com o pretérito e o presente (o.c., p. 91).

20. O esforço estruturalista tal como o vimos caracterizando corre o risco de pouco acrescentar ao já sabido, podendo além do mais resvalar para certa rigidez (21). Foi a segunda direção (a que se poderia chamar esetruturalista **lato sensu**) que, segundo nos parece, apresentou resultados mais po-

(19) *Études d'Aspect*. Aarhus-Köbenhavn, Ejnar Munksgaard, 1943, p. 40 e ss. Igualmente ligado à Escola de Copenhague está Alarcos Llorach (portavoz de Hjelmslev), para quem o tempo constitui um sistema de duas dimensões. A primeira dimensão firma-se no contraste remoto/irremoto e a segunda no contraste perspectivo/imperspectivo. Cf. *Gramática Estructural*, Madrid, Gredos, 1953, p. 105.

(20) M. S. Ruipérez — *Estructura del Sistema de Aspectos y Tiempos del Verbo Grego Antiguo*. Análise Funcional Sincrónico. Salamanca, CSIC, 1954. Sobre a importância deste livro será útil consultar F. R. Adrados — “El Método Estructural y el Aspecto Verbal”, in *Emerita*, t. XXII (1954), 258-270.

(21) A rigidez dos estruturalistas decorre dos objetivos que se propõem; voltados para o estudo da língua tal como a definiu Saussure, afaziam de suas sistematizações todos os dados lingüísticos que trazem a marca do individual (matizamentos psicológicos, empregos afetivos, etc.). Desumanizam assim a língua, reduzindo-a à condição de instrumento dócil às sistematizações. Até mesmo um estruturalista tão filológico como M. S. Ruipérez se deixou levar por essa fria visão da língua, a ponto de desencilhar-se de certos usos temporais (como o do presente profético e o do presente pelo futuro — o.c., p. 93), inquinando-os de exorbitados em relação à *langue*. O aprofundamento desta questão nos levaria a retomar o debatido problema da averiguação do que é mais lingüístico, se a *langue*, se a *parole*, e bem assim a discussão em torno dos objetivos da lingüística, matéria que preferimos deixar aos mais entendidos.

sitivos, pois ultrapassou a preocupação exclusiva de averiguação de posições no sistema. Entre suas características, destacam-se: a) o estudo do verbo dentro de sua encercadura habitual (relações entre o verbo e o advérbio, o verbo e seu complemento, o verbo e o padrão frasal); b) a compreensão de que o semantema desempenha um papel não negligenciável no que diz respeito às categorias que o verbo reveste; c) abandono do velho hábito de seleccionar os melhores exemplos tendo em vista a comprovação de uma teoria previamente preparada. Todos os casos constantes dos textos são agora coligados, dispensando-se-lhes então um tratamento estatístico adequado.

Como consequência dêste último critério, ingressa a Linguística decididamente numa perspectiva quantitativa, e assim têm lugar as análises combinatórias, particularmente fecundas porque não dissociadas da significação (22).

-
- (22) A manipulação de estatísticas não é novidade na Linguística, nem entre os estruturalistas. Paiva Bcléo as recomenda às pp. 81-83 da *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa* (v. indicações bibliográficas na nota 14); M. Criado de Val, argumentando que sintaxe é o estudo do uso frequente (senda a estilística o estudo do uso raro), preconiza o levantamento total dos casos, medida que nos pode conduzir a estudo mais realistas. Cf. *Sintaxis del Verbo Español Moderno*, Metodologia. Les tiempos Pasados del Indicativo. Madrid, CSIC, vol. I, 1948, p. 44. Adota os critérios estatísticos postos em prática neste trabalho Maria de Lourdes R.G. de Carvalho numa interessante tese de licenciatura, inédita — *Contribuição para o Estudo dos Tempos de Narração na Novela Camiliana*. Lisboa, 1954, (exemplar datilografado). Antes de Criado de Val já declarava Lucien Foulet de modo enfático: "toute recherche de syntaxe est un recherche de statistique", acrescentando: "Peut-on espérer par cette méthode constituer un traité complet de syntaxe? Qui pourrait avoir cette prétention? Le matériel complet d'une langue est d'une richesse presque illimitée: qui pourrait se flatter de l'épuiser jamais? () Notre connaissance de cette fluide matière ne sera jamais achevé et il est bien vrai pourtant qu'elle progresse chaque jour". Cf. "De la valeur de la statistique en Syntaxe Descriptive", in *Romania*, vol. XLVIII (1922), 131. Achamos oportuno relembra estas palavras moderadas à vista da convicção com que Criado de Val defende a validade das estatísticas. Entre nós serviu-se da estatística o Prof. T. Henrique Maurer Jr., que escreveu: "Para melhor verificarmos essa preferência, fizemos um ligeiro trabalho estatístico baseado em alguns autores portugueses e brasileiros. Esses dados estatísticos nada têm de absoluto; de fato, os seus resultados variam um pouco com os autores; mas servem para revelar interessantes tendências da lingua, nem sempre de acôrdo com as regras das gramáticas". v. p. 19 do trabalho citado na nota 4. Lembre ainda o recente trabalho de R. Martin e C. Muller — "Syntaxe et analyse statistique; la concurrence entre le passé antérieur et le plus-que-parfait dans la Mort de Roi Artu" sep. dos *Travaux de Linguistique et de Littérature*, Strasbourg, vol. II, 1 (1964).

Os dois primeiros pontos se acham presentes no estudo bem documentado de Knud Togeby (23), que insiste com grande ênfase nas relações entre preposições, advérbios e raízes verbais e a noção temporal, modal ou aspectual expressa. A fim de esquematizar essas “competências” entre classes gramaticais e categorias verbais, serve-se dos termos **extensivo/intensivo**, entendendo como extensivas as formas que apresentam certo número de relações e como intensivas as de distribuição limitada.

Assim, o imperativo é o mais intensivo dos modos porque não admite aspectos nem tempos, é incompatível com o advérbio **não** e deixa de ocorrer com certos verbos tais como **valer, poder, dever**. O subjuntivo é intensivo em relação ao indicativo.

“parce qu'il n'a pas d'aspects et moins de temps”. (o. c., p. 105).

O presente é extensivo em relação ao futuro e ao pretérito.

Como se pode observar, Togeby define as categorias à vista de suas relações possíveis com outras categorias e classes de palavras, renunciando à prática descritivo-gramatical consistente em personalizá-las a partir de uma média de seus valores.

Arne Klum inspirou-se em Knud Togeby, buscando ao longo de uma obra cuidadosa, equilibrada e riquíssima de informações e sugestões de trabalho (24) aprofundar os nossos

-
- (23) *Mode, Aspect et Temps en Espagnol*. København, Det Kongelige Danske Videnskabernes Selskab, 1953. V. especialmente o cap. III. Embora Togeby defina as categorias “à vista de suas relações possíveis com outras categorias”, como diz as linhas abaixo, nem por isso recaiu no árido estudo das “funções” lingüísticas como as definiram Martinet e Hjelmslev que, concentrando a atenção no poder de combinação do morfema com outros morfemas, concorreram a que se edificasse um estruturalismo asemantístico. Cf. A. Martinet — “Elements of a Functional Syntax”, in *Word*, vol. 16, n.º 1 (april 1960), 1-10 e L. Hjelmslev — *Prolegomena to a Theory of Language*, 2nd. ed. Madison, The University of Wisconsin Press, 1963, p. 33-41 e 84-87; Emilio Alarcos Llorach — “Sobre la estructura del verbo español”, in *Boletín de la Biblioteca de Menéndez Pelayo*, ano XXV (1949), 50-83.
- (24) A. Klum — *Verbe et Adverbe*. Étude sur le système verbal de certains adverbes de temps à la lumière des relations verbo-adverbiales dans la prose du français contemporain. Stockholm, Almqvist & Wiksell, 1961. Recensões: Holger Sten — *Studia Neophilologica*, vol. XXXIV, n. 2, (1962), 345-348; R. Martin — “Temps et Aspect en Français Moderne. Quelques remarques inspirées par la lecture de Verbe et Adverbe de M.A. Klum”, in *Travaux de Linguistique et de Littérature*. Strasbourg, II, 1 (1965), 67-79.

conhecimentos do verbo, comparando-lhe o sistema com o sistema dos advérbios.

Serviu-se para tal, dos critérios de distribuição ou de compatibilidade, que assim define :

“Par **distribution** nous comprenons, tout simplement et sans prétentions théoriques, le nombre des rapports que contracte un élément donné avec d'autres unités (= **extension**) et la fréquence des combinaisons constatées. Dans la présente étude, il s'agit en principe de la structure combinatoire verbo-adverbiale” (p. 35).

Os objetivos de Klum foram : a) configurar a estrutura do sistema das séries verbais do indicativo tanto do ângulo temporal quanto do aspectual, para descrever em seguida o valor e a função de cada série verbal; b) expor estatisticamente as combinações entre os advérbios e as séries verbais; c) estruturar os complementos de tempo estudados para estabelecer-lhes os valores e as funções (p. 24).

Além de preocupação com a fundamentação quantitativa do trabalho (25), insiste nosso autor na oportunidade dos critérios semânticos, escrevendo :

“Dans l'établissement des structures verbo-adverbiales nous avons utilisé les critères sémantiques chaque fois que cela nous a semblé pratique et praticable. Nous avons donc fait le contraire de ce que recommande Harris selon lequel on ne peut pas mélanger distribution et signification” (p. 33).

Trata-se, afinal, de um pesquisador bastante sensato, pois procura fugir à adoção de um só critério que poderia levá-lo a criar uma obra bastante coerente consigo mesmo porém incompleta :

“Critères formales, critères sémantiques, critères distributionnels nous paraissent tous indispensables pour le grammairien qui s'occupe de syntaxe” (p. 40).

(25) “Il faudra dorénavant, plus qu'on ne l'a fait jusqu'ici, insister sur le caractère statistique de la langue” (p. 38). Selecionando autores e estilos variados, dispôs-os Klum em dois grupos, promovendo dois inquéritos a fim de que por meio de um se pudesse controlar o outro. Do primeiro contavam 37 volumes (10.684 pp.) e do segundo 8 volumes (2008 pp.); a coleta dos dados foi feita por amostragens, consultando-se “toutes les cinq pages, soit les pages 5, 10, 15, 20, etc.” Todos os verbos e advérbios aí ocorrentes foram anotados, aplicando-se-lhes então as fórmulas explicadas à p. 47 e ss.

21. O quadro ficaria incompleto se omitissemos a complexa sistematização de G. Guillaume, que praticou uma sorte de estruturalismo sub-lingüístico.

O objetivo de Guillaume foi averiguar as relações entre a linguagem e o pensamento; esta direção levou-o a elaborar uma teoria a que chamou “psico-sistemática” e que na verdade é um vasto inquérito em torno do pensamento, subjacente à expressão lingüística. Foi a partir destas considerações que edificou sua compreensão acêrca das categorias verbais, por êle consideradas fases internas de um fenômeno de natureza singular:

“Aspect, mode, temps ne se réfèrent pas, comme l’enseigne la grammaire traditionnelle, à des phénomènes de nature différente, mais aux phases internes d’un phénomène de nature unique, la chronogénèse; en un mot, l’aspect, le mode le temps représentant une seule et même chose, considérée en des moments différents de sa propre caractérisation” 26.

E o que é a “cronogénese”? É a operação do pensamento visando à criação da imagem-tempo. Três etapas (ou “cronoteses”) conduzem a essa operação: a primeira corresponde às formas nominais (particípios e infinitivo, em que é rudimentar a idéia do tempo), a segunda ao subjuntivo e a terceira ao indicativo, modo em que a noção tripartida do tempo está mais clara. Cada cronotese, em suma, encerra uma carga potencial de tempo em “tensão”: o infinitivo apresenta tensão máxima, intacta, e por isso oferece uma perspectiva de realização futura, donde haver dado origem ao futuro românico; o gerúndio apresenta tensão média, pois está entre a potencialidade realizável e a realizada; o particípio tem tensão zero (potencialidade realizada) e daqui decorre seu valor perfectivo (27).

(26) *Temps et Verbe*, apud G. Moignet — *Essai sur le Mode Subjonctif*. Paris, PUF, 1959, t. I., p. 88.

(27) Apud Emilio Alarcos Llerach — “Sobre la estructura del verbo espanol. o.c., p. 57 e s. Uma apreciação da presença de Guillaume na moderna lingüística pode ser encontrada no artigo de Gabriel Guillaume — “Échos d’un message linguistique”, in *Revue de Linguistique Romaine*, t. XXXIX (1965), 293-313. Já Gerard Moignet retratara de modo bastante claro a posição de Guillaume, ao escrever: “Gustave Guillaume créait ainsi une linguistique nouvelle, celle des conditions de pensée fondamentales à partir desquelles de langage se construit. Cette “linguistique d’amont” prétend remonter aux sources mêmes de la pensée pensante génératrice du langage, et s’écarte des chemins battus de la “linguistique d’aval” couramment pratiquée, qui ne s’intéresse qu’à-dire aux conséquences d’emploi, aux effets de sens, sans jamais tenter de les transcender”. Cf. «Gustave Guillaume et la Science du Langage”, in *Travaux de Linguistique et de Littérature*, Strasbourg, II, 1 (1964), 9.

As observações de Guillaume são de tal forma desenvolvidas naquela direção que lhe assinalamos, que não podemos considerá-las lingüísticas *stricto sensu*, enquadrando-se melhor numa perspectiva sub-lingüística. É o próprio Guillaume quem o diz:

"... le livre présente cette particularité, à première vue assez étrange dans un ouvrage traitant un sujet grammatical, de ne pas contenir d'exemples, le phénomène qu'il décrit étant dans la pensée un phénomène antécédent à la formation de tout exemple" 28 (grifos nossos).

22 Volta-se a abordagem estilística para a consideração dos usos temporais particulares: Stephen Gilman e Pierre Guiraud relacionaram alguns déles (29).

Relembrem-se também a êste respeito dos excelentes estudos de M. Criado de Val: no primeiro déles, provido de introdução bastante informativa, procede-se a um levantamento estatístico dos tempos do passado ocorrentes nas 130 peças teatrais de Benavente. Examina-se a freqüência de cada tempo em cada obra, concluindo Criado de Val por aproximar o gênero da obra analisada (comédia intranscendente, comédia dramática e drama) da natureza do tempo predileto. Assim, na comédia **Rosas de otonô**, altamente dramática, predomina o pretérito, tempo morfológicamente aparelhado para expres-

(28) *L'Architectonique du Temps dans les Langues Classiques*. (Copenhague, Ejnar Munksgaard, 1945, p. 14.

(29) Tem-se tratado dos seguintes temas: o presente histórico como tempo típico dos textos de origem popular; que tempos ocorrem na narração e no diálogo? que tempos predominam em certos autores, e o que isso pode significar? Cf. *Tiempo y Formas Temporales en el "Poema del Cid*. Madrid, Editorial Gredos, 1951. Pierre Guiraud completa essa lista escrevendo o seguinte: "L'étude des temps et des modes constitue un chapitre important de la stylistique (). Le subjonctif imparfait est pédant et frise le ridicule dans la conversation. Le passé-simple est archaïque, provincial ou prétentieux; le présent historique donne au récit un tour vif, bref et primesautier. Quant à l'imparfait de l'indicatif, ses valeurs sont multiples; on salt l'emploi et l'abus qu'ont pu en faire les romanciers naturalistes. Sur tous ces problèmes il existe une littérature abondante; étude sur la valeur psychologique du subjonctif dans la langue parlée' sur les périphrases verbales, sur l'ellipse de l'infinitif de narration, sur le passé-simple chez les romanciers et les dramaturges, sur le passé défini et l'imparfait du subjonctif dans le théâtre contemporain. *La Stylistique*. Paris, PUF, 1961, pp. 60-61 [Collection "Que sais-je?" n.º 646] Omiti as indicações bibliográficas de rodapé, na transcrição.

sar a emoção, dada sua brevidade (Criado de Val comparou-o ao perfeito, formalmente mais extenso) (30).

O segundo trabalho é uma experiência de identificação de autoria através da análise estilística do verbo; Criado de Val parte da suposição de que os escritores combinam as formas temporais de modo individualista e personalizado de tal sorte que, estabelecida uma freqüência proporcional entre as formas verbais "competentes" entre si, teremos a chave para determinar autorias:

"el análisis de las competencias verbales es, sin duda, por su amplitud y por su cohesión sistemática, de resultados muy superiores al de las restantes formas del lenguaje" 31.

A fim de não viciar os resultados foram recolhidos apenas os casos em que o uso dos tempos não decorreu de imperativos da "consecutio temporum"; consideraram-se portanto apenas aquelas formas em que é grande a liberdade de escolha, por exemplo, a seqüência *amara-amase-amara* (p. 110).

23. O exame que empreendemos dos métodos e procedimentos utilizáveis na investigação dos tempos verbais se de um lado mostrou a extensão e a profundidade dos estudos modernos neste campo, de outro acentuará a pobreza de nossa contribuição; só nos atrevemos a apresentá-la tal como se encontra por lhe reconhecermos nós mesmo o caráter de tentativa.

Foi nosso objetivo expor os principais recursos verbais utilizados para a expressão do passado. Nem por isso deixamos de levar em sua devida conta os elementos extraverbais (ou não) que podem exercer influência sobre o valor temporal da forma verbal, tais o semantema do verbo e os adjuntos adverbiais. Detivemo-nos nas formas do indicativo por ser o modo em que a noção de passado se mostra com nitidez maior. E para que os três períodos da língua portuguesa

(30) Cf. *Sintaxis del Verbo Espanol Moderno, (e.c.)*. Resenhando esta obra objeta Eva Seifert que também em *La Malquerida* há emoções e entretanto predomina o perfeito; e conclui "a mi ver, no se gana gran cosa arguyendo así con nociones vagas". V. *Anales del Instituto de Lingüística* [Facultad de Filosofia y Letras de La Universidad Nacional de Cuyo], t.V (1952), 401. Acreditamos que é sempre possível discordar da lição que muita vez se tira dos fatos sintáticos e estilísticos, mas permanece como ponte positivo o cuidado e o rigor com que se recolheram esses mesmos fatos; tal é o caso de Criado de Val.

(31) *Análisis Verbal del Estilo*. Índices Verbales de Cervantes, de Avellaneda y del autor de "La Tia Fingida". Madrid, CSIC, 1953, p. 18, à p. 33 C. de Val resume seu método.

se achassem representados nesta indagação, ainda que de modo sucinto, consultamos, para o período arcaico a **Crestomatia Arcaica** de José Joaquim Nunes, e para o período clássico, a **Antologia Nacional** de Fausto Barreto e Carlos de Laet. Romances, peças de teatro, crônicas e jornais forneceram o material relativo ao período contemporâneo.

24. O homem de fala portuguesa vê o passado de quatro modos distintos: passado objetivo ou estrito, passado subjetivo ou difuso, passado que se liga ao presente, estendendo-se até êle, e passado remoto. Distribui essas noções por quatro formas (pretérito imperfeito, perfeito e mais-que-perfeito), permitindo todavia que uma forma encerre às vezes a noção normalmente transmitida por outra. A se adotar o contraste temporal fundamental descoberto por Imbs (§ 8), diríamos que o pretérito marca o tempo diviso, indicando os demais o tempo indiviso (o mais-que-perfeito, como se verá, apresenta vários usos paralelos aos do imperfeito).

25. Dessas quatro formas, três conheceu o latim literário, tendo-se desenvolvido em sua camada vulgar uma perífrase que sublinharia a noção de perfeito contida no **perfectum**; lembre-se propósito que três eram os valores dêste tema: a) noção de acabamento da ação e conseqüente estado adquirido (valor perfectivo). Exemplos: **noui** = acabei de aprender, portanto "sei"; **vixerunt** = viveram, não vivem mais, portanto "estão mortos" (v. nota 68); b) noção de tempo passado (valor preterital): "**habuit, non habet**; **fuit, fuit** ista quondam in hac republica virtus" (Cíc., **Cat. I, 3**); c) indicação de ação pura e simples, sem contração temporal (valor aorístico).

Supõe-se que o **perfectum aorístico** seja um decalque da sintaxe grega, conquanto encontradiço desde os autores arcaicos. Ernout-Thomas promoveram a êsse respeito diversas comparações, na forma como segue: "ne feceris/ μη ποιήσης"; "dixerit uis/ εἴποι τις ἄν" (32).

(32) A. Ernout et F. Thomas — *Syntaxe Latine*, 2ème. éd. Paris, Klincksieck, 1953, §§ 251b, 225c; v. também § 268. Otto Riemann *Syntaxe Latine*, 7ème. éd. Paris, Klincksieck, 1942, § 137, Rem. I, não acredita que tenha existido a noção perfectiva no **perfectum** latino, insistindo em que o sentido era sempre de uma ação passada seguida de implicações. Realmente, de acôrdo com alguns tratadistas, o perfeito indo europeu passou a representar noções preteritais, acompanhando a evolução de todo o sistema verbal indo-europeu, que de expressivo do aspecto transmutou-se em expressivo do tempo. Nada mais normal, por isso, que já no latim fôsse escassa (ou nula, como quer Riemann) a primitiva noção de perfeito. Cf. Karl Horst Schmidt — "Das Perfectum in indogermanischen Sprachen Wandel einer verbalkategorie", in *Glotta*, vol. XLII, 1/2 (1964), 1-18.

É provável que esta explicação seja apenas um capítulo a mais nos cansados paralelos que comumente se lançam entre Grécia e Roma. Pois hoje parece certo que o sistema do **perfectum** latino representa um paradigma misto a que se acolheram temas indo-europeus tais como o aoristo (donde o **perfectum** sigmático), o perfeito de “primeira forma” (donde o **perfectum** por inflexão vocálica) e o perfeito redobrado (donde o **perfectum** do tipo **cecini**). Se êsse sistema até mesmo formalmente agasalhou o aoristo, nada mais óbvio que contivesse também as funções respectivas, além das demais.

O Passado Estrito

26 Dentre as formas que expressam a noção do passado objetivamente visualizado o **pretérito** ocupa lugar de relêvo. Pode-se avaliar a exata dimensão do pretérito nos períodos em que figura um imperfeito, decorrendo do contraste que então se pode firmar aquêle seu conteúdo de fria e sêca objetividade a que nos vimos referindo. É próprio dêle referir os fatos em sua realidade histórica pura e simples, e isto se deve certamente a que retrata (quase sempre) o processo em sua globalidade, sonegando-nos dêle uma perspectiva mais rica de calor humano. Apenas o presente e o imperfeito são capazes disto, pois como que diluem o tempo, envolvendo-nos e incluindo-nos nêle. Exemplos: “E **uy** estes portugueses asi reuoluer a lide e ferir tâ estranhamete que semelhauam diabos do inferno”. Do Livro de Linhagens — CA 56. “E huu villãao, passamdo per o dicto rribeyro, **vio** a dicta serpente muyto fremosa com muytas diuersas colores e **Quue** doo della, por que ha via assy morta de frio, e **tomou-ha** e **meteo-ha** no seo”. Do Fabulário Português do século XV — CA 74.

O isolamento do pretérito em frases curtas não faz senão insistir em seu caráter preciso, determinado e conclusivo (33): “Da. Eufrásia se lembrava dessas coisas do passado (). Ali dentro da igreja de São Francisco só o canto de Amâncio, a voz doce de seu irmão, celebrando, representando pela primeira vez o drama do mundo. **Chorou**”. Lins do Rêgo — PB 29. “Vimos, juntos, os pescadores recolherem as rêdes, e, por um instante, tivemos vontade de avisar um ao outro: **Acabou**”. C.H. Cony — AV 3.

(33) Referiu-se a êste valor do pretérito H. Sten — *Les Particularités de la Langue Portugaise*, Copenhague, Einar Munkagaard, 1944, p. 53; v. também *Les Temps du Verbe Fini*, p. 97.

27. É evidente que êsse caráter não impede que o pretérito assumia, no nível estilístico, valor diverso, representando o futuro, uso que tem sido levado à conta da imaginação exuberante da gente ibérica. São usos afetivos do tipo: “Bateu em meu filho? **Morreu!**” (v. nota 2). Inclui-se aqui o curioso imperativo estudado por Pilar Vasquez Cuesta (34): “Girou!” “Calou.” Uma noção **efetivamente** passada pode ser deslocada idealmente para o futuro pelo falante quando tomado pelo desejo de afastar de sua experiência algo já irremediavelmente incorporado nela: “E então o seu amor pelo pároco () agora parecia-lhe já monstruoso (). E quase estimava que o pe. Amaro não **tivesse voltado** mais à rua da Misericórdia”. E. de Queirós — C 221 [percebe-se pelo contexto que o sentido atribuído ao tempo grifado é o de “não viesse mais a voltar”, pois na realidade a personagem voltara]. Antonieta: “Bem, se ninguém tem coragem de falar, falo eu. Eles querem que você volte pra Itália”. Cabo Jorge: “Como é?” Pois se eu ainda nem **cheguei!** “Dias Gomes — BH 89 [= “eu ainda vou chegar”; a ação se deu tão próximamente que se pode, com um pouco de boa vontade, incluí-la numa perspectiva futural, como se ainda fôsse iminente, e esta foi a atitude tomada pela personagem].

28. A noção temporal do pretérito pode ser matizada pelo semantema do verbo ou por certos advérbios. No primeiro caso, se o verbo é télico, isto é, se indica uma ação não durativa, deparamo-nos com uma ação completamente acabada no passado, sendo-nos possível visualizá-la como um todo: “Vacilou um segundo e **caiu** desamparado aos pés de Teresa”. C. C. Branco — AP 379. “() e assim que a fera passou de perfíl em frente do tapigo, o rei da criação () **despediu-lhe** a primeira bala com destra pontaria”. Idem — EM 610. “**Engoliu** como quem toma uma purga açucarada”. F. Namora — DT 144. “A galinha **tombou** num baque surdo e lá ficou”. V. Ferreira — A 137.

Se o verbo é atélico, isto é, se indica duração, perde-se aquela impressão de unidade da ação: “Vinde em meu socorro, ilustres Padres da Igreja, discípulos da Sabedoria incriada, dizei vós mesmos o que **pensastes** sôbre êste dia”. Fr. Francisco de Santa Teresa de Jesus Sampaio — AN 242. “A estas

(34) Pilar Vasquez Cuesta Y Maria Albertina Mendes da Luz — *Gramática Portuguesa*, 24. ed. Madrid, Editorial Gredos, 1961, p. 456.

gentilezas de valor () e mais que tudo à presteza e diligência com que os cabos **souberam** aproveitar o ardor daquele povo (), se deve o glorioso acabamento daquela facção ()". D. Francisco Manuel de Melo — AN 292 "**C**ontemplou os seus livros com tanto afeto, como se em cada um estivesse uma página da história do seu coração". C. C. Branco — AP 337. "Mariana **quedou** pensativa e dizendo entre si ()". Idem — ibidem 368. Pode-se insistir na inexistência da ação unitária repetindo-se o pretérito, uso que parece de gosto popular: "O patrão, que era um homem que gostava de fazer brincadeiras brutas, **pensou, pensou, pensou** e depois mandou recolher os pedintes". O. E. Xidieh — CP 32.

29. Nesta mesma ordem de idéias importa averiguar o papel dos advérbios quando relacionados com um pretérito. O advérbio **já** tem o condão de recuar a ação para um momento julgado remoto, acarretando a precocidade da ação um efeito de surpresa: "Senhor, **hido he já** ssa uia e escumungou uós e todo uosso reino". Das Crônicas Breves e Memórias Avulsas de Santa Cruz de Coimbra — CA 154. "Considerai, amigo, quantos prantos, lutos, aflições, desgraças e trabalhos **estiveram já** e atualmente estão debaixo dèstes telhados e estarão sucessivamente pelos tempos vindouros ()". M. Bernardes — AN 293. Geraldo; "Telefone ao Dr. Castro. Pergunte-lhe a verdade. Tôda a verdade". Sílvia: "Eu **já telefoniei**, Geraldo". P. Bloch — INF 38. Noêmia: "Meu filho! Não é possível que não saiba isto!" Ricardo: "Pois não sei". Noêmia: "Você **já estudou!**" J. Andrade — E 35. Sócrates: "() Obedeço-te. Se não está preparado o veneno, podes prepará-lo; se já o **preparaste**, podes trazê-lo". G. Figueiredo — F 180.

Influência contrária exerce o advérbio **agora** que diminui as distâncias entre o passado e o presente, indicando passado próximo: "**Saiu agorinha** mesmo". "**Encontrei** agora mesmo o teu marido" (35). "() eu do diabo emganada, muytos enganey; eu todos estes pecados e maldades **agora auorecji** e agora auorreço e de todos me muyto reprehendi e reprehendo". Do Cod. Alcob. 771 — CA 94.

30. Em virtude de seu caráter preciso presta-se o pretérito a alguns usos estilísticos, sobretudo quando aparece em seqüências. Em tais circunstâncias o pretérito:

(35) Apud H. Sten — *Les Particularités*, pp. 47-48. Este mesmo A. em *Les Temps du Verbe Fini*, p. 53, mostra que determinados advérbios quando acompanhando um futuro transformam-no igualmente em futuro próximo: "Bientôt tu joueras une comédie sinistre qui te fera souffrir".

a) Imprime certa velocidade à narrativa: “Em tão poucos anos de vida logrou tantos séculos de virtude que a gloriosa memória das suas ações será eterna ocupação da posteridade, confessando qua à eficácia do seu ardente zêlo se **convenceu** a obstinação dos pecadores, se **converteu** a perfídia dos hereges e se **humilhou** a soberba dos tiranos (). Foi apóstolo no ofício, mártir no desejo, doutor na ciência e virgem por privilégio. **Vaticinou** o futuro, **revelou** o encoberto, **ilustrou** Lisboa com o nascimento, e **honrou** Pádua com a sepultura” [refere-se a Santo Antônio]. Diogo Barbosa Machado — AN 234. “**Contou** o dinheiro. **Pediu** ao pai a mesada adiantada. **Catou** com a mãe alguns trocados. **Cobrou** a pequena dívida de um colega”. C. H. Cony — AV 13. “A mãe **ficou** prenhe. Eram tão pobres que, para o que havia de nascer, só **amanharam** um paninho, duas camisas e um lenço. **Vieram** as dores e **nasceram** dois gêmeos. **Repartiu** as camisas, **rasgou** o lenço e o pano ao meio, e, no casebre, perdido, entre a natureza bruta, a mulher pôs-se a chorar dando um seio a cada um”. R. Brandão — H 236-237. “Parecia um louco. **Driblou**. **Escorregou**. **Driblou**, **Parou**. **Chutou**. — Gooool! Gooool!” Alcântara Machado — NP 85. “Otacílio **saiu** de casa, **montou** a cavalo, **espiou** a varanda onde o filho mais velho daninhava, correndo de um lado para outro, mantado num cavalo de pau. **abriu** a porteira dos fundos e **rumou** a trote pra roça”. F. Marins — GCA 124.

Como nas seqüências de pretérito podem as terminações idênticas acarretar a rima, registram-se-lhe alguns usos lúdicos, correntes na linguagem popular, como a constante dêste cartaz que vi num bar: “Chegou olhou/ Olhou entrou/ Entrou pediu/Pediu bebeu/Bebeu cuspiu/Cuspiu pagou/Pagou saiu/Saiu tropeçou/ Tropeçou caiu/ Caiu levantou / Levantou “azulou”. É evidente que tais pretéritos indicam uma sucessão no tempo, não indicando, como é óbvio, fatos simultâneos; nem por isso precisamos nesses casos, recorrer a um mais-que-perfeito, como supôs L. Mourin:

“Dans le récit, le narrateur peut évidemment employer des formes verbales telles que les parfaits simple ou composé (sic), qui relèvent de sa connaissance adéquate du passé: “E quando **acabamos** de jantar, fui muito triste para o jardim e **pus-me a chorar sôzinha**” (Curto, p. 64). Ce parfait recouvre en fait une action entériere à celle de fui. Mais **dans ce cas le portugais préfère recourir à une forme en tinha**: “E nessa noite, em que tu saíste do Tribunal, onde **tinhas estado sem-**

pre, até tudo acabar, e vieste em braços para casa, lembraste-
que disseste..." *Ibid.*, p. 24 (grifos nossos) 36.

b) Graças à sua concisão, serve o pretérito para encerrar bruscamente um relato, economizando-se as muitas palavras: "Lilinha: E o senhor ainda dá boa-noite a elas!" Luís: "Questão de educação. **Cumprimentaram, eu respondi**". Dias Gomes — BH 18. "(.....) Seis meses depois a mulher do primo **apareceu** leprosa e a casa **foi posta** à venda". D. Trevisan — CE 16. "Cintinho, porém, no seu afêrro de sombra, não se quis arredar da Teresinha Velho, de quem se tornara, através de Paris, a muda, tardonha sombra, Como uma sombra **casou**; **deu** mais algumas voltas ao tórno; **cuspiu** um resto de sangue; e **passou**, como unia sombra". Eça de Queirós — CS 9.

Daí ser o pretérito utilizado nos adágios, como êste, de gôsto popular: "Escreveu, não leu, o pau comeu".

31. Diversos tempos podem igualmente indicar o passado estrito, além do pretérito. Dêles talvez o mais raro é o presente, e mesmo assim deve aparecer em oração temporal introduzida por **quando**: "Quando **acorda**, Maria Clara já tinha tirado a mercedes da garagem" C. H. Cony — AV 59. É próprio da conjunção **quando** fazer-se acompanhar de pretéritos (de 145 casos que tive a oportunidade de examinar nas **Memórias de Lázaro** de Adonias Filho, 139 traziam êsse tempo) e talvez por isso se justifique o valor preterital do presente neste caso.

Não atribuímos ao presente histórico valor preterital pois êle é usado quando o falante idealmente se transporta para o passado, sentindo as ações como se fôsem presentes.

32. O imperfeito e o mais-que-perfeito, que têm tantos empregos paralelos, podem ocorrer em longas séries assumindo por vêzes valor preterital: "Conde Yanno se **chagava**/ El rei que a buscar o **vinha**/()/ Foi-se embora o conde Yanno/ Muito triste que ella ia /()/ A condessa que o esperava/ De muito longe o **via** / Com o filhinho nos braços / Para abraçá-lo **corria** /()/ Criarei êste inocente /Que a outra não criaria/ Manter-te-hei castidade/ Como sempre t'a **mantia**". Garrett — R 58, 59, 61. "Cavaleiro de malvado/ De amores a **cometia**;/

(36) «Définition de l'imparfait et du plus-que-parfait de l'indicatif et du subjonctif, et des deux formes du conditionnel en portugais moderne», *l.c.*, p. 127.

Pegaram de braço a braço /Qual de baixo, qual de cirra /A romeira por mais fraca /Logo debaixo **cafa**/ No cair lhe vio à cinta /Um punhal que êle trazia/ Com tôda a fôrça o arranca/ No coração lho **metia**" (37).

Usos semelhantes se encontram no espanhol: "Un suenno yo sonnara que vos quiero cuntar" (38); "[El Cid] fincó los inojosí de corazón **rogava**/ la oración fecha, luego **cavalgava**; / salió por la puertã e Arlançón **passava**/ **fincava** la tienda y luego **descalvagava**" (39).

Num trecho do século XVI sôbre cuja autenticidade pairam dúvidas topamos com êste caso: "No figueiral figueiredo a no figueiral entrey/ Seis niñas **encontrara**, seis niñas **encontrai**/ Para elas **andara**, para elas **andei**/ Llorando las **achara**, ilorando las **achei**/ Logo las **pescudara**, logo las **pescudei**/ Quem las mal **tratara**, y a tam mala ley" J. Ribeiro — SC XXIV.

Diversas interpretações têm sido oferecidas ao caso, com um sobretudo nas canções populares; Holger Sten analisa as esferas temporais das formas da seqüência, afirmando que são diferentes: "Des plus-que-parfait juxtaposées peuvent appartenir à des "times" différents" (40). Badía Margarit supõe que a seqüência é favorecida pela consonância das terminações, esvaziando-se as formas de seu conteúdo aspectual e temporal (41); contesta-o Stephen Gilman (42) alegando que não é a necessidade de rima a responsável por tais seqüências, antes o desejo de representar o jogral um processo contínuo; efetivamente, o uso do pretérito aqui daria a impressão de fatos sucessivos porém isolados. Cada um desses autores tem um pouco de razão; não obstante, parece-nos bom frisar que não é a pura e simples necessidade de expressão do passado a mola que levava os autores de outrora a cometerem êsse recurso; comprova-o o fato de que a forma repetida pode indicar

(37) Apud W. Meyer-Lübke — *Grammaire des Langues Romanes*. New York, G.E. Stechert E Co., reprint 1923, vol. III, § 104.

(38) Apud M. de Palva Boléo — *Trabalhos de Alunos* — "Gênese de Conceito de "tempo passado" e sua expressão nas línguas românicas", in *Biblos*, vol. V (1929), 339.

(39) Stephen Gilman — *o.c.*, p. 116.

(40) *Les Temps du Verbe Fini*, pp. 222-223.

(41) A. Badía Margarit — "Ensayo de una sintaxis histórica de los tiempos. I. El pretérito imperfecto de indicativo", in *Boletín de la Real Academia Española*, t. XXVIII (1948), 299.

(42) *O.c.*, p. 116.

também o presente, como em “Na minha côrte não vejo/ Marido que te daria... /Só se fôsse o conde Yanno/ E êsse já mulher **havia** [= há]. Garret — R. 57. Aliás, F. Diez já o havia notado com estas palavras:

“L'emploi de l'imparfait pour le présent (), bien que tout-à-fait anormal, se présente dans d'anciennes poésies espagnoles, surtout populaires, et non pas toujours à la rime (). Un exemple portugais est: “os dias vivo chorando, as noites mal as dormia”. R. Egl. 4. Les poètes artistiques ne semblent pas connaître cet usage singulier, cependant Camoens a dit “armas que trazia” I, 64, D'après son commentateur Faria e Sousa, pour le présent “trago”, “inclinando-se à vulgaridade”, et cette expression est également regardée par Ferrelra comme un “modo vulgar”. L'existence de ce solécisme (sic) en portugais est donc attestée” 43.

33. Ao referirmos a constituição do perfeito perifrástico romântico, levantamos a hipótese de que primeiramente tenha predominado o senso preterital contido no participio passado, prevalecendo após o valor durativo do auxiliar no presente (§ 49); conquanto o português tenha conservado êste valor, que as línguas românicas perderam em sua fase moderna, não deixa de causar espécie a presença de bom número de formas com valor preterital, de que fazem prova os seguintes exemplos: “Infelizmente nada se **há feito** até aqui sôbre tão importante objeto ()”. Francisco de Sales Tôres Homem — AN 32. “E quando êles **têm conjugado** assim tôda a voz ativa, e as miseráveis províncias **supportado** tôda a passiva, êles, como se tiveram feito grandes serviços, tornam carregados de despojos e ricos ()”. Vieira — AN 287. “E bocejando enormemente: Pois menino, **tenho tido** tôda a noite as lulas a conversar cá por dentro”. Eça de Queirós — C. 78. “Foi a coisa de mais virtude que **tens feito** em tôda a tua vida!” Ibidem 349. Eromante: “Então, beleza minha, dize a esta vermina/ De cujos beijos te **hás corroído**/ Que eu conservei a forma e a essência divina /De meu amor apodrecido!” G. de Figueiredo — MC 191-192.

Paiva Boléo observara que êsse “falso perfeito” pode ser utilizado com finalidades estilísticas quando se busca conferir um tom de solenidade às coisas: “**Tenho chegado** ao fim de minhas considerações” (44). Veja-se mais êste exemplo:

(43) *Grammaire des Langues Romanes*, 3ème. éd. Paris, Librairie A. Franck, 1874, vol. III, pp. 244-245.

(44) *O Perfeito e o Pretérito em Português*, p. 29. V. também pp. 20 e 21.

Sampaio: “Mas se era meu, e o Sr. nem mo comprou nem eu lho dei, como pode ser seu?” Tomás: “É meu, **tenho dito**.” Martins Pena — AN 38.

34. Algumas perífrases expressam igualmente o passado estrito:

a) Ser + participio passado: “Esta ora foi mazelada de coita, de door e de presa, d’escorodõe e todas uosas gẽtes, ca, en como nos **foy mostrada**, esa ora forõ os portugueeses e toda sa força e seguirõ aquel caualeiro por hu ya”. O Livro das Linhagens — CA 57. “Os messegeiros **foron partidos** por muytos logares”. Da Cronica de Espanha — CA 101. “E, depois que esse escudeiro assy foy enterrado, a longe de moimento de seu senhor, como **dito he**, o sobredito caualeyro Enrique apareceu de noite ()”. Da Crônica da tomada desta cidade de Lisboa... — SA 152. “E este feito **foy sabudo** em Roma e cuidaram que era ereje”. Das Crônicas breves e Memórias avulsas de S. Cruz de Coimbra — CA 152. “E elrei Archileus e muytos outros que estauã com Pilatus **forõ** muy **cõfortados** daquelle bõo cheyro”. Da Estaria de Uespasiano — CA 161. “A multidão da jente **foy logo junta**, asy homes como molheres ()”. Da Crônica do Infante Santo D. Fernando — CA 203. “Senhor, eu **são ulindo** por uos demonstrar a fee de Jhesu Christo”. Das Crônicas... de S. Cruz de Coimbra — CA 153. “Conversais e não sabeis/que vosso filho é **chegado**?” J. Cabral de Melo Neto — “Vida e Morte Severina”, FSP, 7-6-1966, pg. 5 do 2.º caderno.

b) Perífrases de infinito:

— ir + infinitivo: “**Fui falar** com êle mas de nada adiantou”. Sobre esta perífrase assim se manifestou José Leite de Vasconcelos:

“É muito freqüente exprimir enfaticamente o passado com o pretérito de *ir* seguido de um infinitivo. No *Cancioneiro da Ajuda* lê-se por exemplo: *ful rogar*, v. 525 (= roguei) *foi amar*, v. 896 (= amou). Na língua moderna é expressão corrente: *o que foste fazer!* (= o que fizeste). Em todos êstes casos o verbo “*ir*” perdeu muito da sua significação, para constituir pretérito perifrástico com o infinitivo a que se junta; mas no falar provinciano encontra-se ainda um grau intermediário entre a primitiva significação plena e a

significação apagada: eu fui **estar** com êle, onde se reconhece ainda a idéia de movimento" 45

Também com **vir** não é incomum que se indique o valor do verbo simples, esvaziando-se o sentido do verbo auxiliar: "Isso **vem a dar** na mesma!" (= dá).

Estando a auxiliar no presente do indicativo, o valor decorrente é futural ("êle vai contar = contará), fato normal entre as línguas românicas. É notável que o catalão, distanciando-se das línguas congêneres, haja feito de **va** + infinitivo (**vaig cantar/ vas ou vares cantar/ va cantar/ vam ou varem cantar/ van ou varen cantar/ van ou varen cantar**) um pretérito, desde o século XV. Segundo Germán Colón (46), a diferença entre essa perífrase e a forma simples do pretérito durante a época merieval só podia ser configurada estilisticamente (**vaig cantar** é mais rigoroso que **canté/canti**).

— **vir** + infinitivo: se o auxiliar + **de** conserva a noção de movimento, indica-se passado próximo: "Venho de assistir à reunião". Se o auxiliar **vem** no pretérito + **a** equivale a "acabou por", perdendo-se a noção de passado próximo: "E assim foi requerido a el-rei por sua parte, com tão grande veremência que el-rei **veio a conceder**". Duarte Nunes de Leão — AN 333. Nas outras línguas românicas, ao invés, não só concorreu com o perfeito simples, mas **veio a substituí-lo** total ou parcialmente". Paiva Boléo — **O Perfeito e o Pretérito**, 37.

— **acabar de** + infinitivo — há certo paralelismo entre esta é a perífrase anterior, complicada entretanto por questões de regência: "'O Dr. Borges de Medeiros **acaba de reconhecer** a vitória do Dr. Júlio Prestes". M. Donato — MDS I 17: passado próximo. "Fulana **acaba por receber** o prêmio": valor futural. "Fulano **acabou de receber** o prêmio: passado próximo; "acabou por receber": passado remoto. supondo-se

(45) "Observações aos *Old Portuguese Songs* de H. Lang", in *Revista Lusitana*, vol. VIII (1905), 223-224. Joseph Hüber — *Altportugiesisches Elementarbuch*. Heidelberg, Carl Winters Universitätsbuchhandlung, 1933, § 406 manifesta-se no mesmo sentido; Karl-Heinz Klöppel — *Die Aktionsart und Modalität in der portugiesischen verbalumschreibungen*, Inaugural Dissertation, Berlin, Freie Universität, 1960, p. 52. vê nessa perífrase um injustificável valor ingressivo.

(46) "Le parfait périprastique catalan **va** + infinitif", in *Boletim de Filologia*, vol. XVIII, t.I (1959), 165-176.

um esforço prévio ao desfêcho do processo: "Ele acabou por se sentar". V. Ferreira — A 247.

— andar a + infinitivo: "Roxo: () A espinhela caída é o que é (). Eu me **andei a tratar** em Cuiabá com um bom. facultativo, e tempo bastante para aprender um bocado de anatomia e coisas e loisas do corpo humano". A Ribeiro — TI 20.

O Passado Difuso

35. Cabe mormente ao imperfeito expressar o **passado subjetivo ou difuso**, perspectivando o processo em seu desenrolar (47); opõe-se assim ao pretérito, que se reporta ao processo em sua realidade histórica, objetiva, retratando-o quase sempre em sua globalidade, como se viu. Basta enumerar algumas orações com êsses tempos para sublinhar bem as diferenças: "Cabral **descobriu** o Brasil em 1500" / "Em 1500 Cabral **descobriu** o Brasil". "Soube que ia morrer" / "**Sabia** que ia morrer" (48).

Indicando tempo difuso, prestou-se o imperfeito às mais diferentes funções, entre elas: representar a duração e a repetição no passado, servir de tempo adequado à expressão do onirismo e da fantasia, compor narrações e descrições.

36. O caso mais banal de imperfeito indicando **duração no passado** é o do tipo "Quando cheguei, ela **saía**". Algumas conjunções temporais de valor durativo costumam acompanhar o imperfeito. Tal é o caso de **enquanto**: "Com os cotovelos na mesa de ferro, **enquanto esperava** que o Bacurau se desenroscasse lá de dentro, olha distraído o largo que se ia enchendo". G. Ramos — C 192. Neste livro, 12 dentre 15 casos de **enquanto** acompanham o imperfeito.

(47) G. Moignet — *Essai sur le mode subjonctif*, I, p. 98.

(48) Said Ali — *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, 3.a edição. Estabelecimento do texto por Maximiano de Carvalho e Silva, São Paulo, Edições Melhoramentos (1964). Etienne Lorck, um dos mais finos analistas do imperfeito, promoveu contrastes semelhantes; servindo-se de orações do tipo "êle *dizia* que não pode aceitar a proposta"/"êle *disse* que não pode aceitar a proposta", concluiu õue no primeiro caso quer-se expressar uma declaração envôlta por uma sorte de reflexão do falante, enquanto que no segundo enunciamos a declaração pura e simples. "Passé Définitif, Imparfait, Passé indéfini", 184-185.

Outros exemplos: “E quando se assaua, Pilatus **passava** per juto cõ as casas da raynha e sentio aquelle cheyro muy bõo que saya da carne assada e veo-lhe grãde desejo ()”. Da Estoria de Vespasiano — CA 160. “Neste monte mais alto de todos **passava** eu a minha vida como podia ()”. Bernardim Ribeiro — AN 303. “**Preparava-se**, entretanto, em Portugal uma armada para ir em socorro dos briosos Pernambucanos, que tão denodadamente tinham levantado o grito da liberdade contra os Holandêses; saiu, com efeito, a armada da barra de Lisboa, e apareceu sôbre Pernambuco no dia 20 de dezembro ()”. D Francisco Manuel de Melo — AN 290.

Surgindo um verbo télico, muda-se o tempo para o pretérito: “Longamente ainda, ora por caminhos claros que **soavam** como lajes, ora sob a remaria alta, por veredas fofas de musgo, **tilintavam** no silêncio e na penumbra os guizos da água. E a noite **cerrava-se**, quando para além duma ponte de tabudo que **tremia** sôbre uma torrente, sêca por aquêlo lento agôsto, o povoado **apareceu** entre o arvoredado do vale...” Eça de Queirós — UP 4. “**Avancei** para a porta, correndo, e quando **sentí** o vento no rosto, as trevas em redor, foi que **pensei** em Jerônimo. Inpassível, o vale **permanecia** indiferente a tudo”. A. Filho — ML 38.

As flutuações semânticas de um mesmo verbo levam o autor a escolher ora o imperfeito, ora o pretérito, como neste caso: “Passava um dia de inverno o Arcebispo com sua comitiva a serra de Gerez, por caminhas ásperos e fragosos; saltou-os uma chuva fria e importuna que os não largou na mor parte da jornada, e corria um vento agudo e desabrigado que os congelava (). Tinha-se adiantado o Arcebispo () e ia fazendo matéria de **tudo quanto via** no campo e na serra para louvar a Deus; () e **viu** juntamente que ao pé do penedo se abria **uma lapa** que podia ser bastante abrigo para o tempo ()”. Fr. Luís de Sousa — AN 259-260. Observe-se que “ver udo” é demorar os olhos, é contemplar, ao passo que “ver abrir-se uma lapa” é percebê-la de súbito.

37. A **repetição no passado** decorre da natureza semântica do verbo (verbos télicos) quanto do tipo oracional em que insere: a) no primeiro caso temos: “Lá vejo o atalho que vai dar na várzea... / Lá o barranco por onde eu **subia!**...” C. de Abreu — O 108. “Mas tu gostavas tanto de ser padre, disse ela; não te lembras que até **pedias** para ir ver sair os seminaristas de São José, com as sua batinas?” M. de Assis — DC 80. “Escondia em casa os que a polícia perseguia ()”. Pa-

ço D'Arcos — AP 32. “A todos que me procuravam para informar-se sobre o que estava acontecendo, **respondia** que de nada sabia ()” FSP, 13-8-1964, p. 4. b) no segundo caso trata-se de período composto por subordinação em que a oração dependente é de caráter condicional-temporal: “Quando me **via, afastava-se**”. “As irmãs tinham-no, tirante Rita, a mais nova, com quem êle brincava puerilmente e a quem **obedecia** se lhe ela **pedia** () que não andasse com pessoas mecânicas”. C. C. Branco — AP 326. “Também adverti que era fenômeno recente acordar com o pensamento em Capitu, a escutá-lo de memória, e estremecer quando lhe **ouvía** os passos”. M. de Assis — DC 25. “Como **tremias**, oh! vida/ Se em mim os olhos **fitavas!**” C. de Abreu — O 187.

38. Sempre que se desfigura a realidade, divagando o pensamento pelas regiões do sonho e da fantasia, é o imperfeito o tempo que vem naturalmente à pena do escritor: “E num instante repararam também que a criadinha estava uma mocetona já. Carecia se casar. Que maravilha, Rosa se **casa-va!** Havia de ter filhos!” Mário de Andrade — CB 16.

Diversos sintaticistas já observaram que êste é o tempo usado quando se narram sonhos (49): “Amélia todo o dia pensou naquela história. De noite veio-lhe uma grande febre, com sonhos espessos, em que **dominava** a figura do frade franciscano, na sombra do órgão da Sé de Évora. **Via** os seus olhos profundos reluzirem numa face encovada; e, longe, a freira pálida, nos seus hábitos brancos, encostada às grades negras do mosteiro, sacudida por prantos do amor! Depois, ao longo do claustro, a ala dos frades franciscanos **caminhava** para o côro; êle **ia** no fim de todos () enquanto um grande sino () **tocava** o dobre dos finados. Então o sonho **mudava: era** um vasto céu negro, onde duas almas enlaçadas e amantes () **giravam** levadas por um vento místico; mas **desvaneciam** se como névoas, e na vasta escuridão ela **via** aparecer um grande coração em carne viva, todo transpassado de espadas — e as gotas de sangue **caíam** dêle e **enchiam** o céu duma chuva escarlate”. Eça de Queirós — (C 90, 91; v. também pp. 466-467

(49) O mesmo Etienne Lorck, 185, que em síntese opõe o pretérito, como expressivo de um ato racional, ao imperfeito, como representativo do onirismo da fantasia; Holger Sten — *Les Temps*, p. 135; Octacílio Alecrim recensou o êxito obtido pelo imperfeito entre os impressionistas, graças a essas qualidades. Cf. “Técnicas da Prosa Impressionista”, in *Cultura*, n.º 6 (dezembro de 1954), 131-160.

e PB 518. “Mas foi deitar-se, o maço de cartas na gavetinha do criado-mudo, e adormecer pesadamente, para ser arrastado num torvelinho de cartazes desmesurados, cheios de dedos que lhe **apontavam** a testa. Suas pernas entorpecidas se **recusavam** a correr, e os dedos **espetavam-lhe** duros a fronte e o nariz, e logo depois, como êle, de costas para a parede já não podia escapar, **furavam-lhe** os olhos. Não podia defender-se porque as mãos se lhe **colavam** ao muro e, ao arrancá-las **vinham** também empapeladas de restos de cartazes, grude e calça. **Choviam** papeluchos que se **depositavam** sôbre as árvores como enfeites de Natal, e as buzinas dos automóveis **soletravam** nomes de candidatos. E os dedos a se lhe meterem pelos olhos, sujos de grude viscoso e frio... Acordou alagado de suor ()”. M. Donato — MSD II 260.

O imperfeito hipocorístico é um caso particular do emprêgo dêsse tempo enquanto expressivo da fantasia. Dizemos que é um caso particular porque o imperfeito é aqui afetivamente usado, pois representa o tempo presente: “Eu **era** o mocinho e você o bandido”. O contexto em que essas coisas são ditas esclarece a natureza presencial do imperfeito: trata-se aqui de recorte de conversa entre garotos, quando se combina uma brincadeira e se “distribuem os papéis”, por assim dizer.

Albert Henry, entre outros, cita casos semelhantes no francês: “Comme elle **donnait** bien la patte, notre Titi-te!” (50).

39. O imperfeito tira da vaguidão com que apresenta o processo verbal tôda a sua fortuna, transformando-se no tempo predileto para as narrações e descrições.

Nas narrações: “Estãdo [~] este aficameto qual ouuides, os nebrós cõ que auiã de ferir lhis **efraqueciã** asi que os nõ **podia** **reger** senõ muy gravemete. As uozes deles **erã bayxas** e tã mudadas que se nõ **entendiam** huus a outros, aqueles que começarã a lide a ora de prima e **estauã** pasante meyo dia. Os mouros **refrescauã-se** cada uez mays e mais dos que **estauã** folgados. E os gritos deles e das trõbas () asi **reteniã** que parecia que as mōtanhas se **areygauã** de todas partes. Esta foi hora foy aos

(50) Albert Henry — “L'imparfait est-il un temps?” Sep. das *Mélanges de Linguistique offerts à M. Charles Bruneau*. Genève, 1954, p. 12. Agradecemos a êsse autor a nos haver cedido temporariamente uma separata de seu sugestivo trabalho.

cristãos d'escoridõe, d'amargura, de gemidos". Do Livro das Linhagens — CA 49. "Era em um sábado; os bancos estavam cheios de meninos, vestidos quase todos de jaquetas (); chegaram os dois exatamente na hora da tabuada cantada. Era uma espécie de ladainha de números que se usava então nos colégios, cantada todos os sábados em uma espécie de cantochão monótono e insuportável, mas de que os meninos gostavam muito". M. de Almeida — AN 67.

Também no início das narrações é comum encontrar-se o imperfeito em expressões como "contava-se que...", "era uma vez...", etc.; parece tratar-se de emprêgo recente. Emidio De Felice (51) historia a forma verbal usada nessas ocasiões da maneira como segue: a) na Era Republicana e no I Império usava-se normalmente o pretérito **fuit, fuerunt**. Os primeiros exemplos de **erat, erant** estão em Petrónio e Apuleio, concorrendo entretanto com o pretérito; b) as línguas românicas herdaram essa hesitação, decidindo-se finalmente pelo imperfeito.

Imperfeito nas descrições: "E todo o castello e as torres eram de pedra marmore e parfilios e huas pedras **erã** brancas e outras uerdes e outras uermelhas e outras pretas. E **estauã** hy cinco torres muy altas sem conto e de cadahua destas torres **saya** huu rryo e **entrava** eno mar cada huu por sy". Do Conto de Amaro — CA 61. "Uma calçada de grossas lajes, orlada de faias, **conduzia** ao terreiro, para onde abria, sob a tórre de menagem, a estreita porta chapeada de ferro e a ponte levadiça, que () **tinha** as cadeias de ferro enferrujadas. Dum lado do terreiro **havia** um pequenco alpendre, coberto de rama, onde se **vendia**, à vasilha, o bom vinho branco das vinhas senhoriais. Do outro lado, **negrejavam** os grossos barrotes das forcas patilares. Um velho olmo **assombreava** o banco de pedra, onde, pelas tardes de verão, o Senhor vinha julgar os delitos, receber vassalagens, ou marcar as portagens devidas, pelos mercadores, que com longas récuas de machos e carregados passavam por dentro das suas terras" Eça de Queirós — UP 6, (51a).

40. Quer-se por vêzes delimitar a noção temporal contida no imperfeito, assinalando-lhe os contornos de modo a evitar

(51) "Problemi di aspetto nei piè antichi testi francesi", in *Voz Romanica* vol. 15 (1957), notas 2 e 3 da p. 7. Cf. também Meyer Lübke, III, § 113.

(51a) O imperfeito de efeito cênico de que fala Holger Sten, *Les Temps*, p. 129, nada mais é que um tipo de imperfeito descritivo.

sua peculiar imprecisão; é necessário em tais circunstâncias fazê-lo acompanhar de adjuntos adverbiais.

Tais adjuntos exercem aqui mais que em outras ocasiões um papel importante, pois a alteração que provocam é mais vivamente notada. Vejam-se êstes casos: “**E neesto os mouros vijnham e gram pressa, como aquelles que tijnhã que os christãos achariam cansados e chagados da primeira lide que ouuerom**”. Do Livro de Linhagens — CA 35. “() elrey foi cercar a cidade de Coimbra, que o infante, seu filho, **já tinha** para mantimento seu e dos seus ()”. Da Relaçam da vida de gloriosa Santa Isabel, Rainha de Portugal — CA 43. “[O Presidente Frondizi] procurou, em vão, obter ajuda externa **no momento em que queria tirar-lhe o principado**”. Hermano Alves — FSP, 26. 12. 1963, p. 3. M. López Branquet (52) anotou um caso semelhaute em Santa Teresa: “Estaba una monja **entonces enferma**”.

Os adjuntos adverbiais seccionam às vêzes de modo brusco uma exposição — e temos assim o imperfeito de ruptura, também chamado “pitoresco”, “perspectivo”, “contemplativo”, bastante estudado no francês (53): “Lorsque le notaire arriva avec M Geoffrin (), elle les reçut elle-même et les invita à tout visiter en détail. **Un mois plus tard**, elle **signait** le contract ()”. “**A ce moment même**, dans la salle du conseil de l’Hôtel de ville, Robespierre **recevait** le coup de pistolet qui lui brisa la mâchoire et mit fin à la Terreur”.

41. Há um emprêgo discutidíssimo do imperfeito, no qual se indica ação iminente no passado, podendo o processo não ter começado, ou então ter dado os primeiros passos para seu desenvolvimento. Exemplo da primeira possibilidade: “Sentada na cama, afinal ela **ia** embora”. D. Trevisan — CE 52. “Depois, nessa tarde, anunciei a Jacinto que **partia** para Guiães”. Eça de Queirós — CS 20. “A porta da pensão, quando **ia introduzir** a chave na fechadura, ouvi rumor lá dentro”. G.

(52) “El Imperfecto en el Lenguaje de Santa Teresa”, in *Vox Romanica*, vol. 21 (1962), 284-299.

(53) V. os trabalhos citados de Moritz Regula e A. Henry; A. Klum — *o. c.*, p. 182, nota 9, observa que os adjuntos adverbiais mais comuns com êsse tipo de imperfeito são: *le lendemain, la semaine suivante, quelques heures plus tard*, além das datas. Apresenta também um interessante *status questionis*.

Ramos — C 114. (54). “**Ia a consentir**, mas o meu compa-
nheiro estava desesperado”. F. Namora — RVM I 45. Exem-
plos da segunda possibilidade: “A criança **afogava-se** quando
surgiu o salvador”. “Teve sorte em encontrar-me pois já
saía”. “Ele **abandonava** o prédio em chamas quando o teto
ruiu”.

Compreende-se que no primeiro elenco de exemplos a
ação não se deu, ficando apenas a noção temporal de iminên-
cia, inexistindo a categoria aspectual. Já no segundo grupo,
além da noção de iminência entende-se que o processo percor-
reu os primeiros passos para sua completa efetivação, que en-
tretanto não se consuma; há, pois, um valor temporal (imi-
nência) e outro aspectual (primeiros graus de uma duração),
que examinamos aliás em nosso estudo já citado sôbre os as-
pectos verbais em português.

Em ambas as possibilidades se pode encontrar uma cono-
tação modal subjacente, que é a intenção, a disposição do su-
jeito para o cumprimento da ação. Foi essa conotação que in-
duziu certos sintaticistas em êrro, pois, confundindo “inten-
ção” com “esfôrço” ou “conação”, viram em casos como os
que acabamos de enumerar um insustentável **imperfectum de
conatu**; contam-se entre êles W. Mayer-Lübke, Bassols de Cli-
ment e Holger Sten (55).

Notamos, por fim, que se pode dar o caso de persistir ùni-
camente o valor modal de intenção, sem as noções temporal e
aspectual estudadas: “A ama do sôr Vigário () a tia Maurícia
manda-le saudades. Ela **vinha**, mas diz que estava co flato”.
Apud Louis Mourin — o.c., p. 111.

-
- (54) Por “iminência no passado” queremos dizer tanto quanto futuro próximo do passado; efetivamente, a noção de iminência anuncia o tempo futuro, perspectivado porém de passado por estar o verbo no imperfeito do indicativo. Acreditamos que esta modalidade de futuro do pretérito ainda não foi devidamente estudada. Vejam-se algumas referências bibliográficas em nosso trabalho, escrito de parceria com Enzo Del Carratore — *Considerações sôbre a Nomenclatura Gramatical Brasileira em suas Relações com a Terminologia Latina*. Marília, FFCL, 1965, p. 10, nota 11. Série “Estudos”, n. 1].
- (55) *Gr. des Langues Romanes*, III, § 103; Bassols de Climent — *Sintaxis Latina*. Madrid, CSIC, 1956, I, § 304. Holger Sten — *Les Temps*, p. 136, analisando casos como «Il tembaît de fatigue» denomina-os “conativos” para, a seguir, inquirir de impropriedade o termo *imperfectum conatu*, talvez por verificar que não se nota qualquer idéia de esfôrço no exemplo dado. Conativo é o imperfeito que ocorre na *En. VI, 457-458: talibus Aeneas ardentem [Didonem] / lenibat dictis animus*”.

42. Por uma questão de polidez podemos atenuar uma ordem ou afirmação usando o imperfeito: "Eu **vinha** saber se você pode pagar-me". Vendedor: "Vosmincê quer uma relíquia de Cabo Jorge?" Mulher grávida: "**Queria**". "Dias Gomes — BH 20. Antônio: Senhora Bernarda?!" Bernarda: "Diga?" Antônio: "**Era** isto..." "Bernarda: "Pra mim?..." Antônio: "Sim... é... são pastéis de nata: sei que aprecia..." B. Santareno — AM 51.

Trata-se de uso estilístico, interpretado por Meyer-Lübke e Maurice Grevisse de modo idêntico; diz o primeiro:

"Par ce moyen, en reculant dans le passé une action présent, la personne qui parle veut la faire paraître moins importante" 56.

Badía Margarit (o.c., p. 295) põe-lhe a nu o valor de presente, surpreendendo também uma feição modal desiderativa.

43. Não é incomum encontrar-se nos textos arcaicos um pretérito com o valor do imperfeito: "E levou-ha a ssua casa () e quando a serpente foy bern queente, vio-sse poderosa e levantou-se em pee contra ho villão ()". Do *Fabulario Português do século XV* — CA 74.

É provável que tôda essa riqueza do imperfeito advenha de ser êle verdadeiramente um presente no passado, circunstância que o levou a desdobrar-se em múltiplas funções — tal como ocorreu com o próprio presente.

Passado que se estende até ao presente

44. O perfeito português não equivale rigorosamente ao perfeito indo-europeu. Enquanto neste se exprime um estado presente decorrente de uma ação passada, naquele se indica uma ação passada que tangencia o presente, mercê de seu valor durativo ou iterativo. Estamos diante, portanto, de uma forma nova e de uma função também nova.

O modo como se desenvolveu a perífrase do perfeito é matéria conhecida, e se a trazemos aqui é apenas por considerarmos que a história dessa forma justifica seu valor moderno.

(56) *Gr. L. Roms.*, III, § 105; M. Grevisse — *Le Bon Usage*, 7^{ème} éd. Gembloux, J. Duculot, 1961, § 718, 2.º.

45. Para sublinhar o sentido de estado adquirido próprio ao perfeito, usou o latim desde a fase arcaica a perífrase **habeo** + particípio passado, podendo o auxiliar ser substituído por **do**, **teneo** e **facio**. Acham-se exemplos em Plauto e Cícero.

No latim medieval estava o conjunto sólidamente constituído, e Gregório de Tours escrevia “episcopum inuitatum habes”; tratava-se, como se vê, do verbo **habere** no presente do indicativo, seguido de um objeto direto e do predicativo dêsse objeto, que com êle concordava: “Habeo litteras scriptas”. Eis por que durante o português arcaico e clássico variava o particípio passado nessas construções: “E porque, como vistes, **têm passados/ Na viagem tão ásperos perigos**” (Lus., I, 29).

Originariamente a perífrase tinha mais um sentido de posse no passado referida no presente, e não é raro encontrar mos ainda hoje vestígios dêsse valor: “O Rogério **tem** quase **conseguido** os papéis falsos... “B. Santareno — A 74.

Desvaneceu-se posteriormente a noção de posse, e assim de um presente que se referia ao passado tivemos um passado que se refere ao presente, conforme a lição de Bourciez (57). Graças à nova nuança, gramaticalizava-se o conjunto **habere** + objeto direto + predicativo dêsse objeto, constituindo-se a perífrase. E o que nos parece muito importante — estendeu-se a todo o conjunto o aspecto durativo primeiramente localizado no tempo presente do auxiliar.

Houve uma época em que as línguas românicas opuseram claramente a perífrase à forma simples do pretérito; com o passar do tempo, porém, apenas as línguas do oeste conservaram essa distinção, fazendo as demais que a perífrase suplantasse o pretérito, tomando-lhe os valores. Se entre estas encontramos ainda hoje a forma simples preterital deve-se isto a mero conservadorismo da linguagem literária ou dialectal, pois na linguagem falada é a perífrase que predomina (58).

(57) *Elements de Linguistique Romane*, 4ème. éd. Paris, Klincksieck, 1956, § 126b. Sobre a substituição do *haber* por *ter*, operada no português, v. de Falva Boléo — *O Perfeito e o Pretérito*, p. 25 e ss.

(58) Muitas têm sido as razões atribuídas ao desaparecimento da forma simples na camada não literária das línguas românicas. Uma das mais conhecidas foi elaborada por A. Meillet: o desaparecimento da forma simples se deve à necessidade de simplificação atendendo-se ao fato da anomalia presente em determinadas pessoas do “passé simple”, especificamente. “Sur la disparition des formes simples du préterit”, in *Linguistique Historique et Linguistique Générale*. Paris, Honoré Champion, 1958, vol. I, pp. 149-158.

A posição do romeno neste particular é bastante curiosa pois, como demonstrou I. Siadbei, enquanto o daco-romeno e o istro-romeno acompanham a tendência geral da România, de outro lado, nos dialetos meridionais, no macedo-romeno e no meglenítico é a forma simples que predomina, suplantando até mesmo a forma perifrástica, ainda que sofrendo grandes alterações (59).

No caso português opõe-se vivamente o perfeito (forma perifrástica) ao pretérito (forma simples), conquanto não sejam estranhos aos hábitos da língua os casos de forma perifrástica preterita! (§ 33). Causa mesmo surpresa o volume e a atualidade desses empregos, embora dêle pareçam distanciados os escritores brasileiros.

Dois são os valores do perfeito português: ação que dura no passado e ação que se repete no passado, estendendo-se em ambos casos até ao presente.

46. A ação dura se o verbo é atélico: “E porque este bem trazer **am** **filhado** os homões deste reino de muytas maneiras ()”. Do Livro da Montaria — CA 165. “**Tem andado** alegre como sempre, é uma tontinha”. M. de Assis — DC 115. “O senhor não pode calcular como essa doença em **tem aborreclido**”. Lins do Rêgo — PB 106. “Os seus sofrimentos **têm evolucionado** um pouco...” Paço D’Arcos — Av 374. “A experiência entre nós **tem mostrado** que o eleitorado se fixa na eleição para o cargo principal”. FSP, 23-3-1965, 2.º cad., p. 4.

47. A ação é iterativa se o verbo é télico: “**Tenho perdido** um dinheirão por causa dêle, nem tu imaginas”. A Ribeiro — JT 219. “Já **tenho advertido** que as histórias antigas não devem ser reprovadas com facilidade ()”. D. Frei Antônio Brandão — AN 328.

A repetição pode-se dever também a complementos verbais no plural: “E era isto, onde eu saí, ao pé das altas montanhas de Gênova, onde o mar **tem feito grandes furnas** ()”. Fr. Heitor Pinto — AN 328. “A opinião pública, melhor juiz que todos, **tem identificado**, aqui e ali, **casos** em que as punições jamais chegaram a convencer ninguém”. Do editorial “Revisão”, FSP, 1. 6. 1965. Ou a determinados adjuntos ad-

(59) “Le sort du prétérit roumain”, in *Romania*, vol. LVI (1930), 331-360.

verbiais: “Eu também tenho ouvido, confessou o Dr. Magalhães, tenho ouvido até muitas vêzes”. G. Ramos — SB 73.

48. Entre as demais línguas românicas predomina o uso preterital da perífrase; é provável que o espanhol se encontre no meio termo dos extremos em que se acham o português de um lado, e as línguas românicas, de outro, particularmente o francês. E. Alarcos Llorach historiou a origem e a evolução do perfeito composto espanhol, resumindo assim as diferentes etapas- a) expressão da duração presente do resultado de uma ação anterior; b) expressão da ação continuada, como o perfeito português; c) ação momentânea imediatamente anterior ao presente gramatical; d) ação momentânea não imediatamente anterior, mas sentida em relação com o presente, isto é, produzida no presente ampliado 60.

Essa posição intermédia, do espanhol dificulta a fixação de regras, bastando para comprová-lo examinar alguns dos estudiosos da matéria 61.

49 No francês medieval, especialmente em textos que refletiam a linguagem falada (prosa e poesia dramática) fazia-se a distinção **passé simple** = pretérito/ **passé composé** = perfeito.

Ao depois, por uma questão de estilo, começa-se a usar a forma composta em lugar da simples, transpondo-se o autor idealmente para o momento em que a ação se deu. Logra-se com esse artifício imprimir tons mais vivazes à narração, pois também o leitor se sente incluído na história. E assim, paulatinamente foi a perífrase tomando valor preterital, até a gramaticalização completa do que era primitivamente recurso de estilo, segundo ensina Lucien Foulet 62.

O próprio L. Foulet nos adverte, todavia, contra o engano que seria supor a rápida gramaticalização do **passé composé** com valor preterital; com efeito, partindo da linguagem familiar e da linguagem descuidada, foi tal uso sentido inicialmente como de gosto vulgar, a ponto de somente após o século XV se encontrarem atestações dele, e ainda assim em cartas e outros textos de linguagem pouco literária. Finalmente, com Commines (fim do século XV) e Rabelais (século XVI) vemos essa forma penetrar na

(60) “Perfecto simple y compuesto en español”, in *Revista de Filología Española*, t. XXX (1947), 136.

(61) R. Lenz — *La Oración y sus Partes*, 3.a ed. Madrid, Publicaciones de la RFE, 1935, §§ 294 e 297; S. Gill y Gaya — *Curso Superior de Sintaxis Española*, §§ 122-123; Juan M. Lope Banch — “Sobre el uso del pretérito en español de México”, in *Studia Philologica*. Homenaje ofrecido a Dámaso Alonso. Madrid, Editorial Gredos, 1961, vol. II, pp. 373-385.

(62) “La Disparition du Prétérit”, in *Romania*, vol. XLVI (1920), 271-313, especialmente 274.

linguagem literária, e assim, em suma, "un emploi; né dans la langue familière, évité longtemps par la langue de la prose et le parler soigné des gens cultivés, puis accueilli timidement au XIV e siècle par la langue de la conversation relevée, se répand de plus en plus au XVI siècle où il se montre fréquent dans les texte non littéraires pour triompher enfin au XVIIe siècle au point de pénétrer jusque dans la littérature (o.c., 290).

A explicação de Foulet é bastante fundamentada. Contudo, caberia indagar se não teria ocorrido uma extensão de sentido de fato realizado contido no particípio passado a toda a perífrase, que assim se transformou num pretérito. Admitida esta possibilidade, teríamos dois momentos distintos na história da perífrase: na primeira fase, quando de sua própria constituição, o valor durativo do auxiliar no presente ter-se-ia estendido sobre o conjunto, que passou assim a exprimir ação passada que toca o presente, estendendo-se até êle quer de modo contínuo, quer admitindo interrupções ou iterações (§§ 46-47). O português conserva esta primeira fase, como se viu. Na segunda etapa, é o sentido do particípio passado que contamina o conjunto, transformando-se a perífrase um pretérito, fato notável sobretudo no leste da România. Um exame mais acurado do "caso romeno" citado atrás poderia fornecer-nos subsídios para a datação do fenômeno aqui suposto.

Tornando ao francês, sabemos que o *passé simple* começou a perder terreno desde os séculos XII e XIII, porém ainda no século XVI, segundo testemunhos da época, continuava a ser empregado. Na linguagem atual, apenas no Midi francês é praticado, considerando-se pedante seu uso na região parisiense. Paul Imbs (o. c., p. 218) alude às investigações em torno do francês elementar, as quais provam que "le *passé simple* est pratiquement absent des enregistrements de l'enquête".

Obliterado em grande parte o sentido de perfeito contido na perífrase, como expressa atualmente o francês essa noção? Respondem F. Brunot e Ch. Bruneau (63) apontando o sobrecomposto "J'ai eu fait", não sem anotar que na região de Lyon essa expressão já vai tomando também ela o valor de pretérito. Possivelmente a ordem das palavras se encarregará de exprimir a oposição pretérito/perfeito, pois, conforme lembram os mesmos autores, opõe-se em Paris "j'ai mon devoir fait" (= perfeito) e "j'ai fait mon devoir" (= pretérito).

Obviamente, tanto o *passé simple* quanto o *passé composé* de verbos atélicos, ou de outros verbos acompanhados de adjuntos adverbiais que

(63) *Précis de Grammaire Historique de la Langue Française*, 3ème. éd. Paris, Masson E Cie., Éditeurs, 1949, § 545. Sobre a importância das formas sobrecompostas quanto à expressão do passado em francês, ver de L. Foulet — "Le Développement des formes surcomposée", in *Romania*, vol. LI (1925), 203-252.

indiquem duração, podem exprimir duração no passado; foi o que comprovamos tomando um texto francês ao acaso, do qual recolhemos os seguintes exemplos-

— **passé composé durativo**: “Depuis le printemps, 1962, la Chine a gagné du terrain dans les Républiques populaires asiatiques”. “() ce sont les Hongrois et les Mongoïs qui ont manifesté au cours des derniers mois le plus d’ardeur”.

— **passé simple durativo**: “Et même après sa rupture avec les menchéviks, il resta jusqu’en 1914 membre de le IIIe Internationale”. “Pus, pendant la première guerre mondiale, Lénine, coopéra activement avec l’aile pacifiste ()” (64).

Passado Remoto

50. Fundamentalmente o mais-que-perfeito indica um passado remoto em relação a outro passado: “A mão que ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava”. J. de Alencar — AN 63.6 “Quando cheguei êle havia acabado a lição”.

Admite o uso moderno duas formas paralelas, a simples e a composta, sem que se possam surpreender diferenças temporais entre uma e outra.

A forma composta teve origem semelhante à do perfeito perifrástico, conhecendo a língua arcaica casos frequentes em que é visível o sentido de posse referida ao passado: “() huu senhor dos alaraues () a que el fizera muito deserdamento, soube como uijnha e ouue seu cõselho cõ os boos daquela terra que estauã mazelados, porque os tinha sotogados ()”. Do Livro de Linhagens — CA 66. “E porque desemparasti meus filhos, que me escusauã nas fazēdas, que erã iã melhores que mi, e a mea nobre caualaria que eu aula prouada ẽ muytas fazēdas, e partiste de mi meas molheres e meas filhas que eu muyto amaua sobre todalas cousas?” Do Livro de Linhagens — CA 58. “() uirõ huu muro de muy nobre ouro, e era mais fremoso que a alma se deleituaua mais e folgaua ẽ olhar a sua fremusura que em todollos outros que aula vistos”. Da Visão de Tundalo — CA 66. “() essa mão que tinha metuda em sseu sseo”. De Dois Fragmentos de uma vida de Sam Nicolau — CA 81.

(64) Do artigo de François Fetjõ — “Le progrès du schisme chinois”, in *Esprit*, nouv. série, vol. II, n.º 322 (nov. de 1963), 694-717.

51 Também aqui exerce influência o semantema do verbo, do que resulta indicar-se ação remota durativa, se o verbo é atélico: “Há quase um século que **correra** sangue pelos seus campos (). Lins do Rêgo — PB 21. “O Toiregas (), vendido a um mascate, **arrastara** uma vida nômade e miserável ()”. A. Ribeiro — JT 190. “() êle e Luíza se **tinham sentido** como dois cúmplices, procurando-se e completando-se até que a vida à sua volta os absorvera”. F. Namora — HD 46. Ação pontual e unitária (verbo télico): “Quando deu acôrdo de si, **tinha caído** num buraco”. “() **surgira-lhe** um dia, de improviso, das plagas da África, um primo próximo ()”. Paço D’Arcos — AP 43.

52. O advérbio já faz que o mais-que-perfeito indique ação precoce: “Ao romper o incêndio ela **já havia despertado**”.

Não há diferenças temporais entre a forma simples e a composta, tendo sido infrutíferas as pesquisas voltadas para êste ponto; apenas no domínio estilístico se notam certas preferências pelo mais-que-perfeito composto, quando se deseja evitar a semelhança formal como o pretérito (recorde-se que **amaverant e amaverunt > amaram**), ou quando se busca uma expressividade maior encontrável nas perifrases (65).

(65) As sutilíssimas diferenças que L. Mourin encontrou não falam ao nosso sentimento linguístico: cf. O. c., p. 191. Maria da Graça Carpinteiro — “Aspectos de mais-que-perfeito do indicativo em português moderno”, in *Boletim de Filologia*, t. XIX (1960), 199-208 [vol. II das *Actas do IX Congresso Internacional de Linguística Românica*, Lisboa, CEF] examinando textos de Eça de Queirós e José Régio conclui que “entre as razões que ditam a sua presença [refere-se às formas simples e compostas] nos textos, parece ter um forte papel a estilística dos sons”. Um outro A. que examinou esta questão foi Friedrich Irmen, que disse: “() é lícito afirmar que a forma simples em -ra constitui hoje, a forma preferida da linguagem literária e do estilo elevado, ao passo que a linguagem coloquial conhece quase exclusivamente a forma composta”. Cf. “Aspectos funcionais e estilísticos do mais-que-perfeito em português”, in *Actas do V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, vol. III, 1966, p. 323. Mais além, tentando surpreender possíveis diferenças entre o uso do auxiliar *haver* e do auxiliar *ter*, conclui que o primeiro insiste no caráter duradouro da ação, enquanto que o segundo (assim como a forma em -ra) não consegue transmitir êsse valor. E exemplifica: “Horas antes, na manhã dêsse mesmo dia, o João Ferrador *tinha-se encontrado* com o pai de Rosa, e os dois, muito chegados, *haviam estado* de conversa à borda dum caminho” (p. 332). Mas é evidente que as noções apontadas decorrem mais da natureza semântica do verbo (*encontrar*: télico = pontualidade; *estar*: atélico = duração) do que do uso dêste cu daquele auxiliar.

53. Os empregados estilísticos do mais-que-perfeito aproximam-no do imperfeito, o que talvez se justifique por esta afirmação de Paul Imbs, o.c., p. 124: “Le plus-que-perfait est, morphologiquement parlant, un imparfait composé”. Vejam-se êstes exemplos:

— Mais-que-perfeito de atenuação ou polidez: “Eu **tinha vindo** para lembrar-lhe aquela dívida”.

— mas-que-perfeito no comêço das narrações: “Naquela manhã eu **tinha despertado** com um pressentimento”.

54. Assumem o valor temporal próprio ao mais-que-perfeito as seguintes formas:

a) **era/estava** + participio passado: “E no outro dia, de manhã, disserom a elrey que **era escumũgado**”. Das Crônicas de Santa Cruz de Coimbra — CA 151 (v. transitivo directo: voz passiva). “E quando chegarom e uirom de que guisa o aguardauom e souberom da prisom dos outros, **ficaram muj espãtados** e logo cuidarom que **era fogido** ()”. Crônica de D. Pedro — CA 187. “Seguiram já a noite vinha descendo. Daí a vinte minutos **estavam chegados**”. Alcântara Machado — NP 264 (verbos intransitivos: voz ativa).

b) **fôra** + infinitivo: “**Fôra falar** com ela tarde demais”. (cf. § 34).

c) pretérito anterior: “E logo que esto **ouue dito**, a uara foi logo uerde con folhas e fruyto”. Da Crônica de Espanha — CA 102. “E elrey, nõ se guardando de tal cousa, beueo aquelle vinho que lhe foy apresentado e, logo qu o **ouue beuudo**, perdeu o siso e ficou assi toruado que nom soube de ssy dar nem huu acordo”. *Ibidem*, 103. “Des que Breçayda sua rrazon **ouuo acabada**, ben entendeu Diomedes que ela era de boa rrazon ()”. Da Crônica Troyana — CA 123. “O plano estabelecido e iniciado fecha-se com um ponto culminante: o tratado de comércio com o Brasil, que D. Carlos **teve realizado**”. R. Brandão — M I 314.

Eduardo Carlos Pereira (66) estabeleceu alguns paralelos entre o mais-que-perfeito e o pretérito anterior que nos parecem muito oportunos:

(66) *Gramática Histórica*, 8.a edição, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1933, p. 507.

- "a) o mais-que-perfeito, quer em sua forma simples (**estudara**), quer em sua forma composta (**tinha estudado**), enuncia uma ação duplamente passada (é um tempo de dupla relação): passada em relação ao ato da palavra e passada, ainda, em re'ação a um outro fato expresso na frase ou subtenido: "Eu tinha concluído (ou concluira), quando êle chegou".
- b) o perfeito ou pretérito anterior enuncia também uma ação duplamente passada, é igualmente um tempo de dupla relação, porém diferença-se do mais-que-perfeito em indicar a ação passada recentemente ao fato enunciado na frase: "Eu tive concluído a leitura, quando êle chegou". A chegada dêle foi imediata à conc'usão da leitura, ao passo que êsse caráter recente não se deduz do mais-que-perfeito: "Eu tinha concluído (ou conc'uira) quando êle chegou".

A presença de certas locuções como "logo que", "des que" em nossos exemplos não fazem mais que accentuar a diferença entre o mais-que-perfeito e o pretérito anterior, tal como foi notado por Eduardo Carlos Pereira.

55. Eis aí, em seus traços gerais, os tempos do passado em português.

Que lições podemos tirar dos fatos aqui reunidos?

Inicialmente, que é necessário diferenciar cuidadosamente forma de função. Razões diversas levam o falante a servir-se de mais de uma forma quando deseja significar a mesma coisa. Exemplos disso recolhemos nos §§ 4, 32-34, 43 e 54. Muito enriquecidos sairiam êsses parágrafo se para cá transcrevêsemos as formas temporais com valor modal, o que refoge, entretanto aos objetivos do trabalho.

Deve-se distinguir, também, o uso gramatical, mais geral, e ligado à estrutura da língua, de uso estilístico, individual, que ocorre sempre que se tem em vista um efeito particular: v. §§ 27, 30, 42 e 53.

Deve-se, por fim, levar em sua devida conta as condições que cercam o verbo na oração.

Lembre-se o papel do semantema verbal. Incomparavelmente mais importante no expressar o aspecto, não deixa o semantema do verbo de marcar sua presença quando se trata de expressar o tempo, conquanto se lhe deva reconhecer aqui um papel de segunda ordem. Efetivamente, se de um lado

pode **decidir** sobre a natureza do aspecto, de outro apenas consegue matizar os valores temporais.

Podemos classificar **grosso modo** os semantemas verbais em télicos ou atélicos, segundo expressem ação que tenda ou não a um fim. Chamam-lhes outros perfectivos/imperfectivos, desinentes/permanentes, o que tudo vem a dar na mesma.

Eis aqui alguns exemplos de semantemas que influem na noção temporal: o presente dos verbos télicos é sempre “pro futuro” (cf. § 4a); um imperfeito de verbo télico exprime ação passada com noção de repetição (“A garôto **vendia** com muita habilidade e por isso a premiaram.”) mas se o verbo é atélico êsse mesmo imperfeito indicará ação passada com noção de duração (“**Caminhava** com passos trôpegos”) (v. §§ 36-37). Parece haver uma preferência por determinado tempo, conforme seja télico ou atélico o verbo: § 36. Outros casos: §§ 28, 46-47, 49, 51.

A desconsideração disto tem ocasionado alguns deslizes, pois sucede atribuir-se ao tempo o que em verdade se deve ao semantema (67). Meyer-Lübke (III, § 106) diz que o tempo de “*réçut le nom de...*” é um “*prétérit de durée*” certamente levado pelo fato de que o nome acompanhará sempre a pessoa; todavia, nos §§ 111 e 288 reconhece que o pretérito dos verbos que indicam permanência é sempre durativo.

Gili y Gaya observou com razão que nos verbos télicos o pretérito indica ação anterior ao presente: “**Abri** a janela”; nos verbos atélicos ação completada no passado, de que não se exclui continuação no presente: “**Soube** que você venceu a corrida” (68). Noto porém que o segundo valor talvez se

(67) “Uma das maiores dificuldades que experimenta um sintaticista do verbo, ao escolher os seus exemplos, consiste em não confundir a significação própria do tempo com o sentido fundamental do verbo”. M. de Palva Boléo — *O Perfeito e o Pretérito*, p. 9, nota 2. Sobre o lugar que a semântica ocupa no quadro das modernas preocupações lingüísticas, cf. Kurt Baldinger — *La Semasiología*. Rosario, Universidad Nacional del Litoral, 1964.

(68) *Curso Superior de Sintaxis Española*, 5.a ed. Barcelona, Publicaciones Y Ediciones SPES, 1955, § 122. José Roca Pons acredita que o verbo *saber*, assim como *creer* e *ver*, “en cierto modo recuerdan los perfectos indoeuropeos y por tanto pueden tomar un carácter de estado alcanzado”. Cf. *Estudios sobre Perifrasis Verbales del Español*. Madrid, CSIC, 1958, p. 34. Sobre as relações entre o semantema do verbo e a expressão do perfeito, em latim, v. o § 15 de nossa *Introdução ao Estado do Aspecto Verbal na Língua Portuguesa*.

deva ao tipo do verbo **saber**, que representa uma experiência humana. Outro verbo ainda que igualmente atélico não possui aquela conotação, com é o caso de **pensar**: “**Pensei** muito em você”.

Além do semantema, importante papel na indicação do tempo é desempenhado pelos adjuntos adverbiais, complementos, e tipos oracionais.

O advérbio **já** recua o processo verbal em relação ao falante; **agora** tem efeito contrário, v. §§ 29 e 52. Outros adjuntos introduzem um elemento de precisão quando o tempo é o imperfeito: § 40.

O tipo de complemento concorre para a seleção do tempo passado: cf. a oposição “via tudo”/“viu uma lapa”, § 36. Um complemento no plural leva o verbo a indicar repetição que brota do passado estendendo-se até o presente: § 47.

As orações temporais de **quando** se fazem acompanhar do pretérito; as de **enquanto** requerem o imperfeito (§§ 31 e 36); as de caráter condicional-temporal indicam a repetição (no passado, se o verbo estiver no imperfeito: § 57b).

Uma confusão lamentável puderam registrar naqueles casos em que se atribui ao tempo o que em verdade deriva da natureza da oração. Algo como dizer-se que o pretérito indica condição em “**Falou**, pagou”, sendo patente que a condicionalidade é devida à justaposição destas orações. Wartburg-Zumthor e Moritz Regula parecem ter incorrido nesse engano.

Dizem os primeiros:

“Dans une phrase du type ‘il mourait de soif, on lui apporta un verre d'eau’, l'action pendant le déroulement de la première, en est l'effet. L'imparfait se trouve de cette manière marquer une nuance causale” (O. c., § 397; cf. também § 404).

Moritz Regula encontrou um “imperfeito de explicação ou de motivação” em “Le train siffla longuement, on arrivait” E Epiphanyo da Silva Dias escreve: “Com esta perífrase [refere-se ao verbo **ir** mais infinitivo], exprime-se também estranheza de que um fato se dê: “Que foste tu dizer!”, não

advertindo que em oração diversa deixaria de aparecer a noção de estranheza (69).

No plano da tradição gramatical, chegou-se a estabelecer terminologia fundada na utilização da forma verbal em dadas circunstâncias oracionais: a forma em + *ria* foi chamada "condicional" por aparecer no período hipotético (70).

* * *

Muito ainda espera deste setor de indagações a sintaxe portuguesa; à parte a consideração devida dos elementos que acabamos de referir, acreditamos que o tratamento quantitativo poderá renovar e intensificar estes estudos, revelando-nos em sua inteireza o sistema verbal português (v. sobre isso as notas 22 e 25).

TEXTOS

- AN — v. Barreto, Fausto.
ANDRADE, Jorge — E — *A Escada*. [Os Ossos do Barão]. São Paulo, Editora Brasiliense, 1964.
ANDRADE, Mário — CB — *Os Contos de Belazarte*, 4.ª edição. São Paulo, Martins, 1956.
ADONIAS FILHO — ML — *Memórias de Lázaro*, 2.ª edição. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira S. A., 1961.
ASSIS, Machado de — DC — *Dom Casmurro*. São Paulo, Edição Saraiva, s/d [Coleção Saraiva, n.º 127].
ARCOS, Joaquim Paço D' — AP — *Ana Paula*, 9.ª edição. Lisboa, Guimarães Editores, 1954.
BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de — AN — *Antologia Nacional*, 34.ª edição. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1957.
BLOCH, Pedro — INF — "Os Inimigos não Mandam Flores", in *Teatro Petrópolis*, Editora Vozes Ltda., 1964.
BRANDÃO, Raul — P — *Os Pobres*, 3.ª edição. Lisboa, Aillaud e Bertrand, 1925.
IDEM — H — *Húmus*, 4.ª edição. Ibidem, s/d.
IDEM — M — *Memórias*. Lisboa, Aillaud e Bertrand, vol. I 4.ª ed., 1925, vol. II, 2.ª ed., 1925.
CA — v. Nunes, J. J.
CALLADO, Antônio — FE — *Forró no Engenho Cananéia*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964.
CASTELO BRANCO, Camilo — AP — *Amor de Perdição*, in *Obra Seleta*. Organização, seleção, introdução e notas de Jacinto do Prado Coelho. Rio de Janeiro, Editora José Aguilar, vol. I, 1960.

(69) Cf. respectivamente "Les fonctions de l'imparfait", in *Zeitschrift für romanische Philologie*, vol. 74 (1958), 252 e *Sintaxe Histórica Portuguesa*, 3.ª ed. Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1954, § 322b.

(70) Segundo J. Mattoso Câmara Jr. — *Uma Forma Verbal Portuguesa*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1956, p. 4.

- IDEM — EM Eusébio Macário, mesma edição, vol. II.
- CONY, Carlos Heitor — AV — *Antes, o Verão*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira S. A., 1964.
- DONATO, Mário — MSD — *Madrugada sem Deus*, 3.a edição. São Paulo, Edições Autores Reunidos Ltda., 1959, 2 volumes.
- ESP — *O Estado de São Paulo* (jornal).
- FSP — *Fôlha de São Paulo* (jornal).
- FERREIRA, Virgílio — A — *Aparição*, 3.a edição. Lisboa, Portugália Editôra, s/d.
- FIGUEIREDO, Guilherme — DD — MC — “Um Deus Dormiu lá em Casa”, “A Muito Curiosa História da Virtuosa Matrona de Efeso”, in *Quatro Peças de Assunto Grego*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira S. A., 1964.
- IDEM — F — “Os Fantasmas”, *ibidem*.
- GARRETT, Almeida — R — *Romanceiro*. Romances de Tradição Oral. Pôrto, Livraria Simões Lopes, 1949.
- GOMES, Dias — BH — *O Berço do Herói*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.
- MACHADO, Alcântara — NP — *Novelas Paulistanas*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editôra, 1961.
- MARINS, Francisco — GCA — *Grotão do Café Amarelo*. São Paulo, Edições Melhoramentos, 1964.
- NAMORA, Fernando — DT — *Domingo à Tarde*. Pôrto Alegre, Editôra Globo, 1963.
- IDEM — HD — *O Homem Disfarçado*, 2.a edição. Lisboa, Editôra Arcádia Ltda., s/d.
- IDEM — RVM — *Retalhos da Vida de um Médico*, 1.a série, 9.a edição. Lisboa, Editôra Arcádia Ltda., (1962).
- NUNES, José Joaquim — CA — *Crestomania Arcaica*, 4.a edição. Lisboa, Livraria Cássica Editôra, 1953.
- QUEIRÓS, Eça de — PB — *O Primo Basílio*. Pôrto, Lello E Irmão, 1946.
- IDEM — C — *O Crime do Padre Amaro*. *Ibidem*, 1950.
- IDEM — UP — *Últimas Páginas*. *Ibidem*, 1946.
- IDEM — CS — *A Cidade e as Serras*. *Ibidem*, 1950.
- RAMOS, Graciliano — C — *Caetés*, 5.a edição. Rio de Janeiro, José Olympio Editôra, 1956.
- RÊGO, José Lins do — PB — *Pedra Bonita*, 5.a edição. Rio de Janeiro, José Olympio Editôra, 1956.
- RIBEIRO, Aquino — TI — *Tombo no Inferno [O Manto de Nossa Senhora]*. Lisboa, Livraria Bertrand, 1963.
- IDEM — JT — *Jardim das Tormentas*. Contos. Lisboa, Livraria Bertrand, 1961.
- RIBEIRO, João — SC — *Selecta Clássica*, 3.a edição. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1914.
- SANTARENO Bernardo — A — *Anunciação*. Lisboa, Edições Ática, 1962.
- SANTARENO, Bernardo — AM — *Antônio Marinheiro*. O Egipto da Alfama. Pôrto, Divulgação, s/d.
- TREVISAN, Dálton — CE — *Cemitério de Elefantes*. Contos. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira S. A., 1964.
- XIDIEH, Oswaldo Elias — CP — *Posição dos Contos Plos Populares no Folclore e suas Funções Sociais*. Tese de Doutoramento. Marília, FFCL, 1965 (exemplar datilografado).